
3º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

INSTRUMENTO DE TRABALHO

DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS A SERVIÇO DAS VOCAÇÕES

“Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”

APRESENTAÇÃO

“Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações” (Mt 28,19). O convite, chamado e envio, de Jesus nos faz *discípulos missionários*. Com essa dignidade queremos celebrar o 3º Congresso, como expressão da caminhada vocacional da Igreja no Brasil, como processo de continuidade de realização dos congressos, acolhendo as orientações do *Sínodo sobre a Palavra de Deus* e da *Conferência de Aparecida*, com seus referenciais para a vida (discipulado) e para o serviço das vocações (missão).

Com o desejo de que será um marco no serviço de animação vocacional, desejamos que todos deem a sua parcela de contribuição na etapa de preparação, nas comunidades, nas dioceses e nos regionais. Faremos do Congresso uma grande partilha das novas experiências, dos avanços realizados desde o último Congresso, em 2005. Todo o esforço tem sentido, não só pelo evento que vamos celebrar, mas também pela realização de nossa missão evangelizadora que nos impele a sair e proclamar a Boa Notícia, fazendo a experiência de contemplar Jesus - Caminho, Verdade e Vida.

Com o compromisso de dar passos firmes e acertados no caminho vocacional, queremos realizar este 3º Congresso, fundamentados no tema: *“Discípulos missionários a serviço das vocações”* e como lema, o mandato do Senhor: *“Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”* (Cf. Mt 28,19). O texto-base que apresentamos está organizado em três grandes capítulos. O primeiro é um panorama histórico, refazendo todo o processo do trabalho da Pastoral Vocacional ou do Serviço de Animação Vocacional. O segundo é uma reflexão bíblica sobre o lema do Congresso. O terceiro capítulo trata dos fundamentos teológicos da vocação e das indicações pastorais para o trabalho de animação da pastoral vocacional.

A proposta do 3º Congresso está no espírito da corresponsabilidade eclesial onde “todos os membros da Igreja, sem exceção, têm a graça e a responsabilidade do cuidado pelas vocações. Só na base dessa convicção, a pastoral das vocações poderá manifestar o seu rosto verdadeiramente eclesial, desenvolvendo uma ação concorde, servindo-se também de organismos específicos e adequados instrumentos de comunhão e de corresponsabilidade” (PDV, n. 41).

Que Jesus, o missionário do Pai, esteja conosco e em nossos trabalhos, percorrendo o caminho que nos levará a celebrar o 3º Congresso Vocacional em Itaici, nos dias 03 a 07 de setembro de 2010. Colocamos sob o manto de Maria, mãe e discípula de todos os vocacionados, este Congresso.

Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM
Bispo Prelado de São Félix - MT
Membro da Comissão Episcopal para os
Ministérios Ordenados e Vida Consagrada da CNBB

INTRODUÇÃO

A caminho do III Congresso Vocacional

1. “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”¹. Esse é o mandato de Jesus. Somos todos discípulos missionários a serviço das vocações e dos ministérios. O III Congresso Vocacional, a exemplo dos precedentes, é a expressão e celebração da caminhada vocacional da Igreja no Brasil e deseja aprofundar o tema do discipulado e da missionariedade na perspectiva da animação vocacional em vista da evangelização na construção do Reino de Deus. Dá-se assim continuidade ao processo de realização dos congressos vocacionais a cada cinco anos aproximadamente. É agora o tempo para continuar construindo o novo no serviço de animação vocacional, tempo de avançar e planejar, pois todos são responsáveis pelas vocações. Entre tantos desafios enfrentados pela Igreja, conforme Aparecida, se constata também o “número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição e a relativa escassez de vocações ao ministério e à vida consagrada”².

Acolhida de Aparecida e do Sínodo da Palavra

2. Faz-se necessário buscar e apresentar uma reflexão e instrumentais teóricos capazes de avançar na compreensão e vivência do discipulado a partir do Batismo, da fundamental vocação à santidade. Em sintonia com a caminhada da Igreja latino-americana e caribenha se deseja refletir a teologia das vocações e da animação vocacional à luz do Documento de Aparecida. No processo de afirmação e consolidação da identidade do serviço de animação vocacional e de seus agentes e protagonistas está a Palavra de Deus, fonte da vida e da missão da Igreja. Nada melhor e mais oportuno do que, neste tempo histórico e eclesial, o serviço de animação vocacional acolher as orientações de Aparecida e do Sínodo da Palavra de Deus, como referenciais teológicos e pastorais para a vida - o discipulado - e o serviço das vocações - a missão.

Consolidação da animação vocacional

¹ Cf. Mt 28,19

² Cf. DAp, n. 100.

3. Somente assim se pode realizar um autêntico serviço de animação vocacional e garantir o processo de um itinerário vocacional capaz de levar cada pessoa a “descobrir o caminho para a realização de um projeto de vida tal como Deus o quer e como o mundo de hoje necessita”³. Ao mesmo tempo se insiste sobre a importância de uma metodologia e de um planejamento no serviço de animação vocacional, com o mínimo de uma estrutura e organização pastoral. Neste sentido se apresentam e se retomam algumas pistas e indicações valiosas que foram definidas no 1º e no 2º Congresso Vocacional. Esses Congressos são também frutos de um processo mais profundo do serviço de animação vocacional, sua identidade e missão. Eles se abriram para as questões da antropologia e da cultura vocacional, da inculturação e da evangelização, da oração e da espiritualidade, da integração das pastorais, da pedagogia e do planejamento, do itinerário vocacional.

Continuidade e avanço

4. O III Congresso Vocacional é fruto de um caminho eclesial. Não é suficiente, porém, realizar o evento isolado de todo o processo até aqui feito, com suas riquezas e também limites. Faz-se necessário dar continuidade ao que se fez e apresentar novidade capaz de gerar um novo espírito e um novo coração. Existem condições favoráveis, e o planejamento, feito com antecedência, deve envolver todas as instâncias e setores eclesiais, fazendo chegar às bases eclesiais a reflexão proposta e favorecendo a participação e corresponsabilidade. Fundamental é a preparação, o aprofundamento temático, a articulação, o estabelecimento de prioridades, e uma programação que incida após o Congresso nos planos e projetos da própria Conferência Episcopal e Comissão específica, dos Regionais, das Dioceses e suas comunidades. Abre-se uma nova etapa, a partir dos eventos de Aparecida e do Sínodo sobre a Palavra, com temáticas pertinentes e decisivas sobre a questão vocacional. Mais recentemente o Papa Bento XVI convocou um Ano Sacerdotal, tendo por tema: “Fidelidade de Cristo, fidelidade do sacerdote”, com o objetivo de “fazer perceber sempre mais a importância do serviço e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea”⁴.

Confiança no Senhor da messe

5. O sentimento é de esperança. O mesmo Espírito do Senhor diz: “Não tenham medo”⁵. Pois o que nos define não são as circunstâncias, nem os desafios, nem as tarefas a realizar, mas sim “o amor recebido do Pai graças a Jesus Cristo pela unção

³ I Congresso Vocacional latino-americano, Documento final, n. 26.

⁴ Cf. Papa Bento XVI, audiência de 16 de março de 2009. O Ano Sacerdotal quer lembrar os 150 anos da morte do Santo Cura D’Ars, S. João Maria Batista Vianney, que será proclamado padroeiro de todos os sacerdotes do mundo. O Ano terá início no dia 19 de junho de 2009, na solenidade do Sagrado Coração de Jesus e dia da santificação sacerdotal. A conclusão será em 2010 após um Encontro Mundial Sacerdotal, em Roma.

⁵ Cf. Mt 28,5.

do Espírito Santo”⁶. De fato, é preciso ter confiança no Senhor da Messe, o Pai, pois ele continua enviando operários para a sua messe. Jesus Cristo, a quem se segue, continua chamando para servir a Igreja, o povo de Deus, na grande riqueza, multiplicidade e complementaridade das vocações e ministérios. E em fidelidade ao Espírito Santo, força e fogo, que anima, inspira e purifica a cada um, na sua vida e serviço. Como Igreja o serviço de animação vocacional assume o desafio de “promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida”⁷. Como diz Aparecida, o grande dom é o encontro com Jesus Cristo, o tesouro especial, a ser comunicado por toda parte, entre todas as nações, com alegria e gratidão. O melhor serviço que a animação vocacional pode prestar, como ação evangelizadora e atividade eclesial da fé⁸, é que “Jesus Cristo seja encontrado, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos”⁹. E a animação vocacional tem este importante papel de despertar, discernir, cultivar e acompanhar a vocação dos discípulos missionários da Igreja.

Método para a animação vocacional

6. Também a animação vocacional assume o método “ver, julgar e agir” com as suas implicações¹⁰. Ao contemplar a Deus com os olhos da fé, pela Palavra revelada, aquela procura ver a realidade em uma perspectiva cristã; julga e discerne segundo Jesus Cristo, que é Caminho, Verdade e Vida, a partir de critérios que provêm da fé e da razão; e age a partir da Igreja, na propagação do Reino de Deus, como discípulos missionários. A importância deste método está em colaborar para viver mais intensamente a vocação e a missão da Igreja, enriquecendo o trabalho teológico e pastoral, enquanto motiva para assumir a responsabilidade diante da situação. Aparecida mesmo afirma que a eficácia do método tem seus pressupostos na “adesão crente, alegre e confiante em Deus Pai, Filho e Espírito Santo e a inserção eclesial”¹¹. É, pois, a dimensão trinitária e eclesial da metodologia do serviço de animação vocacional como ação evangelizadora.

PRIMEIRA PARTE - VER -

O caminho da pastoral vocacional

UM RESGATE HISTÓRICO

⁶ DAp, n. 14.

⁷ *Ibid.* n. 14 .

⁸ Cf. 1º Congresso Vocacional, n. 12.

⁹ DAp, n. 14.

¹⁰ Cf. DAp, n.19.

¹¹ *Ibid.* n.19.

7. Em sua terceira edição, o Congresso Vocacional do Brasil é fruto de uma longa caminhada. Inspiração que remete há quase 75 anos de história¹², a Carta Encíclica *Ad catholici sacerdotii*, sobre o sacerdócio católico¹³. Essa Carta Encíclica pode ser considerada o germe da moderna pastoral vocacional¹⁴ por acentuar a necessidade de se ter vocações na Igreja, destacando a oração vocacional como o principal meio de obtê-las: “Todos devem se esforçar para que se multipliquem os vigorosos e diligentes operários da vinha do Senhor. Dentre todos os meios que se podem empregar para se conseguir tão nobre finalidade, o mais fácil e, por sua vez, o mais eficaz e o mais exequível a todos (e que, portanto, todos devem empregar) é a oração, segundo o mandamento do próprio Jesus Cristo: A messe é grande, mas os operários são poucos: rogai, pois, ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe (Mt 9, 37-38). Que oração pode ser mais agradável ao Coração Santíssimo do Redentor? Qual outra pode nos dar esperança de ser ouvida mais rapidamente e nos conceder mais frutos do que esta, tão conforme os ardentes desejos daquele divino Coração?”¹⁵
8. No entanto, a insistência para que se orasse e trabalhasse em prol das vocações era uma tese que já vinha sendo defendida mesmo antes da publicação da Encíclica por alguns fundadores de Congregações e Institutos que atuam no campo vocacional. É o caso, por exemplo, de Santo Aníbal Maria Di Francia (1851-1927), fundador das Filhas do Divino Zelo e dos Rogacionistas do Coração de Jesus; do venerável Justino Maria Russolillo (1891-1955), fundador das Irmãs das Divinas Vocações e da Sociedade das Divinas Vocações (Vocacionistas); do bem-aventurado Tiago Alberione (1884-1971), fundador da Família Paulina, entre outros. Muitos desses institutos se uniram e compõem, no Brasil, o Instituto de Pastoral Vocacional (IPV),¹⁶ que presta grande serviço vocacional, nas áreas da formação, pesquisa e produção.

¹² Cf. SILVEIRA, Jefferson. Passado e presente do Congresso Vocacional. In.: CNBB-ROGATE, *Boletim Convocação*, n. 66 (jul-ago/2005), p. 02-07; DESTRO, Juarez. E chegamos ao 2º Congresso Vocacional do Brasil. In.: *Revista Rogate*, n. 235 (set/2005), p. 07-13. Conferir, também: SACCO Raffaele, Congressi Internazionali sulle vocazioni di ‘speciale’ consagrazione (*Dizionario di Pastorale Vocazionale*, Roma, Rogate, 2002, p. 279-311); MAGNO Vito, Pastorale delle Vocazioni (*Ibid.*, p. 809-825).

¹³ Carta Encíclica de Pio XI (1922-1939), de 20 de dezembro de 1935.

¹⁴ Para o teólogo Vito Magno, a pastoral vocacional tem uma história prévia, que engloba Antigo e Novo Testamentos, os Padres da Igreja, indo até meados do século 19. A história da pastoral vocacional tem o seu marco em 1935, com a Encíclica *Ad catholici sacerdotii*, considerada o “ponto de partida para uma pastoral vocacional orgânica” (MAGNO Vito, Pastorale delle Vocazioni: storia. In.: *Dizionario di Pastorale Vocazionale*, Roma, Rogate, 2002, p. 817). O conceito ou uso da nomenclatura “serviço de animação vocacional” é recente. Encontra-se, por exemplo, no documento da Pontifícia Obra das Vocações, “Desenvolvimento da Pastoral Vocacional nas Igrejas Particulares” (1992), n. 59 e 65. No 1º Congresso Vocacional do Brasil, em 1999, surgiu a proposta de mudança de nomenclatura da pastoral vocacional para “SAV – serviço de animação vocacional – ou *evangelização vocacional*, para superar a *pastorização* dessa atividade e de toda a Igreja” (MOREIRA DE OLIVEIRA, José Lisboa, Pistas e perspectivas para o SAV no Novo Milênio. In.: CNBB-IPV, *1º Congresso Vocacional do Brasil; Memórias*. Brasília, 2000, p. 87). Percebe-se em seu documento final que os dois conceitos foram usados (cf., por exemplo, n. 09, 27, 37). Hoje os dois conceitos são utilizados, dependendo do contexto ou entendimento local.

¹⁵ *Ad catholici sacerdotii*, n. 61.

¹⁶ Além das congregações citadas, fazem parte também do IPV, atualmente: as *Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia*, fundada por Santa Maria Josefa Rossello (1811-1880); a *Congregação de Jesus Sacerdote* e as *Filhas do Coração Sacerdotal de Jesus*, ambas fundadas pelo Pe. Mário Venturini (1886-1957); a *Congregação de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos para as Vocações* (Apostolinas), fundada por Tiago Alberione; a *Congregação das*

9. Anos depois, em 1941, o papa Pio XII (1939-1958) instituiu a Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais. Seus objetivos foram renovados e ampliados pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965) para abranger não apenas as vocações sacerdotais, mas também as demais. Começou a ser chamada de Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas (ou, simplesmente, Pontifícia Obra das Vocações). Após o Concílio, a Pontifícia Obra passou a investir na realização de congressos, visando a troca de experiências e o início de um trabalho comum no segmento vocacional. Os primeiros quatro congressos de âmbito internacional foram realizados em Roma (1966, 1967, 1969 e 1971).
10. A partir do congresso de 1971, a Pontifícia Obra das Vocações incentivou que as Conferências Episcopais elaborassem seus Planos de Ação Nacional para as Vocações, que foram analisados no 1º Congresso Internacional dos Bispos delegados das Conferências Episcopais, ocorrido em Roma, de 20 a 24 de novembro de 1973. O documento final apresenta a necessidade de uma reflexão teológica segura e adaptada, com um plano de ação que possa ajudar as pessoas a descobrirem seu chamado na Igreja e no mundo, e a assumirem - a partir dessa descoberta - sua missão, seu compromisso.¹⁷ O documento apresenta, ainda, alguns princípios da pedagogia e da organização da pastoral vocacional. Esse 1º Congresso Internacional convidou os bispos a elaborarem seus Planos de Ação Diocesanos para as vocações. Foram enviados mais de 700 planos de diversos países, que subsidiaram a realização do 2º Congresso Internacional dos Bispos e de outros representantes das Vocações Eclesiásticas (Congresso Internacional das Vocações), que aconteceu em Roma, de 10 a 16 de maio de 1981.
11. Três anos depois da realização desse congresso, a Pontifícia Obra das Vocações Eclesiásticas apresentou ao papa João Paulo II um projeto para a realização de congressos continentais, que tinha como objetivo colher as experiências das Igrejas locais para oferecê-las à Igreja universal. Seguiu-se, então, a consulta às Conferências Episcopais e aos Superiores Maiores, bem como de outros dois dicastérios, o da Educação Católica e o dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Em 1992, diante do parecer favorável de todos, o projeto foi concluído e decidiu-se pela realização do 1º Congresso Continental de Vocações na América Latina, por ser o continente com maior número de católicos. Com o tema: “A Pastoral Vocacional no continente da esperança”, ele foi realizado de 23 a 27 de maio de 1994, em Itaiaci, Indaiatuba (SP)¹⁸.
12. Após 10 anos da realização do 2º Congresso Internacional das Vocações, em 1991, *a Congregação para a Educação Católica e a Congregação para os Institutos de Vida*

Servas da Santíssima Trindade, fundada por Maria Celeste Ferreira (1915-2004); e a *Fraternidade dos Padres Operários Diocesanos do Sagrado Coração de Jesus*, fundada pelo Bem-aventurado Manuel Domingo e Sol (1836-1909).

¹⁷ Cf. CNBB, *A Pastoral Vocacional; realidade, reflexões e pistas*, Estudos da CNBB 05. São Paulo, Paulinas, 1974, p. 13.

¹⁸ Cf. Documentos da Igreja na América Latina, “A pastoral vocacional no continente da esperança”, 2ª edição, Paulinas, 1994

Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica fizeram uma consulta às Conferências Episcopais a fim de verificarem o caminho percorrido no último decênio, com relação à aplicabilidade do documento final daquele congresso. A síntese das respostas pode ser encontrada num livro editado em 1992 pela própria Pontifícia Obra das Vocações¹⁹, e suas indicações permanecem atuais. Destaca-se o lugar da pastoral vocacional nas comunidades cristãs. O mandamento de Jesus, “rogai ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua messe”, é considerado valor primário e essencial no que se refere às vocações. É convicção que a pastoral vocacional será ineficaz se não for sustentada pela oração e se não for acompanhada do testemunho de vida.

13. O mesmo documento destaca os vários frutos que vão se manifestando nas Igrejas particulares, como: consciência cada vez mais clara da pastoral vocacional; teologia da vocação mais bem sistematizada; maior preocupação pela formação dos candidatos; número crescente de pessoas dedicadas à pastoral juvenil-vocacional; criação de estruturas mais ativas e idôneas para a animação; consciência da corresponsabilidade comunitária em suscitar e acompanhar as novas vocações; crescimento da qualidade das vocações nos países que sofrem diminuições no número. A pastoral vocacional não é um simples âmbito ou um setor da pastoral da comunidade cristã, mas sim a perspectiva unificante de toda a pastoral, que é essencialmente vocacional.
14. Após a experiência do 1º Congresso Continental de Vocações (*América Latina, Brasil, 1994*), foram realizados mais dois congressos continentais: na *Europa*, em Roma, Itália, de 05 a 10 de maio de 1997, com o tema: “Novas vocações para uma nova Europa”; e na *América do Norte*, em Montreal, Canadá, de 18 a 21 de abril de 2002, com o tema: “Vocação: dom de Deus, ao povo de Deus”. Até o momento não foram realizados os congressos continentais na África, Ásia e Oceania. Estes eventos permitiram “potencializar a atividade vocacional da Igreja, seja na teoria - produção de ideias e iniciativas - ou na prática - organização e apoio às várias atividades. Seria um belo sinal a toda a Igreja e a todas as organizações diocesanas...”.²⁰
15. Neste caminho histórico, o 2º Congresso Vocacional Latino-Americano já iniciou seu processo de articulação. Será realizado de 08 a 12 de fevereiro de 2011, em San José, na Costa Rica, com o objetivo de “fortalecer a cultura vocacional, para que os batizados assumam seu chamado como discípulos e missionários de Cristo nas circunstâncias atuais da América Latina e do Caribe”. O tema do congresso: “Chamados a lançar as redes para alcançar vida plena em Cristo”, e o lema: “Mestre, em teu nome lançarei as redes” (cf. Lc 5,5). Dentre os objetivos específicos estão a análise da consciência que os batizados possuem a respeito da cultura vocacional, a

¹⁹ Cf. PONTIFÍCIA OBRA DAS VOCAÇÕES. *Desenvolvimento da Pastoral Vocacional nas Igrejas Particulares*, 1992, p. 50-52.

²⁰ Pe. Rafael Sacco, Religioso Rogacionista, foi colaborador da Pontifícia Obra das Vocações nos anos de 1980 a 1986, e seu diretor de 1986 a 2002. Concedeu entrevista à revista *Rogate* em março de 2008 (cf. *Rogate*, n. 260, mar/2008, p. 03-06).

elaboração de pistas concretas de evangelização e animação vocacional para a missão do Continente e também a elaboração de critérios para os processos do itinerário vocacional, que respondam às circunstâncias atuais da América Latina e do Caribe.

O BRASIL

16. A história da moderna pastoral vocacional no Brasil situa-se dentro desse contexto da Igreja universal. É uma história rica e cheia de iniciativas, desafios e conquistas, como já verificado em documentos mais recentes.²¹ É importante também fazer um breve resgate histórico dos dois Anos Vocacionais (1983 e 2003) e dos dois Congressos Vocacionais (1999 e 2005) realizados pela Igreja no Brasil.

Os Anos Vocacionais

17. Pode-se considerar que a celebração do Ano Vocacional no Brasil²², em 1983, começou a nascer no ano de 1971, na diocese de Santo Ângelo (RS). Seu bispo, na época, D. Aloísio Lorscheider,²³ levou ao clero local a sugestão de realizar um mês vocacional na diocese, motivado pelas celebrações do Dia Mundial de Oração pelas Vocações.²⁴ Pessoa bastante influente e atualizada, consciente dos novos rumos trazidos pelo Concílio do Vaticano II (1962-1965), ele percebeu que as celebrações do Dia do Bom Pastor ainda não eram bem animadas e sentiu a necessidade de fazer algo mais para a conscientização da necessidade de se rezar e trabalhar pelas vocações. No 7º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, realizado em 1970, certamente D. Aloísio leu a insistência de Paulo VI, o papa da época, em sua mensagem para a ocasião: “O dever de fomentar as vocações sacerdotais pertence a toda a comunidade cristã, que, em primeiro lugar, deverá cumpri-lo por meio de uma vida plenamente cristã (*Optatam Totius*, 2). Com efeito, a própria vocação cristã [...] encontra a sua expressão e o seu ponto culminante na vocação sacerdotal e religiosa. Esta vocação é inconcebível se precedentemente não for despertada e educada a vocação cristã. É neste ponto que se manifesta o índice claro e inequívoco da vitalidade de cada uma das comunidades paroquiais e diocesanas”.²⁵

²¹ Cf. CNBB-IPV, Texto-base do Congresso Vocacional do Brasil. In.: *1º Congresso Vocacional do Brasil; Memórias*. Brasília, 2000, p. 10-18; CNBB, *Batismo: fonte de todas as vocações; Texto-base do Ano Vocacional - 2003*. Brasília, 2002, n. 17-28; CNBB, *Igreja, povo de Deus a serviço da vida; Texto-base do 2º Congresso Vocacional do Brasil - 2005*. Brasília, 2004, n. 12-43.

²² Cf. DESTRO, Juarez. Jubileu do primeiro Ano Vocacional do Brasil. In.: *Revista Rogate*, n. 259 (jan-fev/2008), pp. 09-11.

²³ D. Aloísio Lorscheider esteve à frente da diocese de Santo Ângelo de 1962 a 1973. Em 1967 passou a ser o secretário da CNBB, cargo que exerceu até 1971, quando foi eleito presidente (até 1979). Vale ressaltar que ele também foi presidente do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) de 1976 a 1979.

²⁴ O “Dia do Bom Pastor”, como passou a ser conhecido o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, foi instituído em 1964 pelo papa Paulo VI.

²⁵ PAULO VI, Mensagem para o 7º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, 15/03/1970. In.: INSTITUTO DE PASTORAL VOCACIONAL, *Pedi ao dono da messe que mande operários; mensagens dos papas para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações (1964-2006)*, São Paulo, Paulus, 2006, n. 100.

18. A experiência da celebração do mês vocacional na diocese de Santo Ângelo logo ganhava adeptos. A escolha do mês de agosto, segundo o bispo emérito daquela diocese, D. Estanislau Amadeu Kreutz (que ficou à frente da diocese de 1973 a 2004) foi para evitar a coincidência com alguns tempos litúrgicos importantes, como o Advento, a Quaresma e o Tempo Pascal, e também devido à memória litúrgica de São João Maria Batista Vianney, o padroeiro dos párocos, celebrado no dia 04 de agosto. “Inicialmente incentivávamos mais explicitamente as vocações presbiterais”, afirmou D. Estanislau, pois “quando a proposta da celebração do mês vocacional foi abraçada também pelo Regional Sul 3 da CNBB, correspondente ao Rio Grande do Sul, abrimos os horizontes para destacar uma semana para o serviço da animação vocacional de cada vocação específica: a primeira semana veio a concentrar-se sobre a vocação presbiteral; a segunda semana sobre a vocação matrimonial ou familiar; a terceira semana sobre a vocação à vida consagrada, e a quarta sobre a vocação do ministério dos leigos. Havendo um quinto domingo, ele era dedicado à missão dos catequistas”.²⁶
19. No Encontro Nacional de Pastoral Vocacional de 1974, realizado no Rio de Janeiro, já é possível verificar algumas indicações referentes à fixação de datas vocacionais, como dias, semanas ou meses. Sugeriu-se, por exemplo, que os Regionais da CNBB promovessem “mês e semana vocacionais”. E os participantes do encontro sugeriram à coordenação nacional que procurasse “fixar datas: semana, mês ou ano vocacional”.²⁷
20. As indicações foram ganhando força, motivadas por experiências bem sucedidas de outras dioceses e até Regionais da CNBB, como por exemplo a realização do Ano Vocacional no Regional Sul 2 - Paraná -, em 1973²⁸. Dessa forma, no Encontro Nacional de Pastoral Vocacional de 1980 houve a proposta concreta de se instituir agosto como o mês vocacional no país e também a realização, em 1983, de um Ano Vocacional. As duas propostas foram levadas à Assembleia da CNBB de 1981 e foram aprovadas: “O ano de 1983 seja o Ano Vocacional para todo o Brasil, e que todas as campanhas de nível nacional, diocesano e paroquial sirvam de conscientização e formação de vocações. O mês de agosto seja assumido, em todo o território nacional, como o mês vocacional, e a Linha 1 dos Organismos Nacionais de Pastoral de CNBB, através do setor de vocações e ministérios, coloque em comum as diversas iniciativas dos Regionais e dioceses”.²⁹ Recorda-se que atualmente é a “Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada” a grande articuladora das iniciativas em âmbito nacional.

²⁶ Entrevista ao Instituto de Pastoral Vocacional – IPV, por ocasião da publicação da agenda vocacional *Caminhos* 2008, do IPV, p. 84 e 120.

²⁷ CNBB, *A Pastoral Vocacional; realidade, reflexões e pistas*, Estudos da CNBB 05, p. 148 e 150.

²⁸ Cf. STACHESKI, Sérgio. Visão geral da pastoral vocacional no Paraná. In.: *Revista Rogate*, n. 11 (abr/1983), p. 09-10.

²⁹ CNBB, *Vida e ministério do presbítero - pastoral vocacional; documento aprovado pela 19ª Assembleia da CNBB*. Documentos da CNBB 20. São Paulo, Paulinas, 1981, n. 258 e 259.

21. O início do pontificado de João Paulo II, com grande enfoque à questão vocacional e ministerial, e sua visita ao Brasil, em 1980, também favoreceu a escolha do tema da assembleia da CNBB de 1981 – “Vida e Ministério do Presbítero; Pastoral Vocacional” –, que direta ou indiretamente ocasionou a instituição do mês vocacional e do primeiro Ano Vocacional no país. A abertura oficial do primeiro Ano Vocacional no Brasil ocorreu no 20º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, em 24 de abril de 1983. O tema: “Vem e segue-me”. A oração vocacional é rezada ainda hoje³⁰.
22. Em 2003³¹ foi realizado o segundo Ano Vocacional no país, 20 anos após a primeira experiência, com o tema: “Batismo, fonte de todas as vocações”, e o lema: “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4). O projeto foi aprovado na 39ª Assembleia da CNBB, em 2001, com o objetivo de “ajudar a Igreja a perceber-se como assembleia dos vocacionados e vocacionadas”.³² É interessante ressaltar que o Texto-base trouxe, na primeira parte, o resultado de uma pesquisa realizada em todos os Regionais da CNBB, avaliando a caminhada da Igreja do Brasil após dois anos da realização do 1º Congresso Vocacional. Tal pesquisa vocacional, organizada pelo então Grupo de Assessoria Vocacional da CNBB, em parceria com o IPV, revelou elementos importantes sobre a aplicabilidade dos resultados do congresso de 1999³³.

O 1º Congresso Vocacional do Brasil

23. O fato do 1º Congresso Continental de Vocações ter sido na América Latina, e mais precisamente no Brasil, e a proximidade do final do milênio, foram estímulos para que também os segmentos que atuam na animação vocacional em todo território nacional partilhassem suas experiências e esperanças em um momento comum. Assim surgiu em 1997, dentro do IPV, a ideia de se realizar o 1º Congresso Vocacional do Brasil³⁴. A proposta foi encaminhada para o então *Setor Vocações e Ministérios* da CNBB e aprovada.³⁵ O 1º Congresso foi realizado de 1º a 05 de setembro de 1999, em Indaiatuba, Itaipu (SP), com o tema: “Vocações e Ministérios para o Novo Milênio”, e o lema: “Coragem! Levanta-te, ele te chama” (Mc 10, 49b).

³⁰ Senhor da Messe e Pastor do Rebanho, faz ressoar em nossos ouvidos teu forte e suave convite: “Vem e segue-me”. Derrama sobre nós o teu Espírito, que ele nos dê sabedoria para ver o caminho e generosidade para seguir tua voz. Senhor, que a Messe não se perca por falta de Operários. Desperta nossas comunidades para a Missão. Ensina nossa vida a ser serviço. Fortalece os que querem dedicar-se ao Reino, na vida consagrada e religiosa. Senhor, que o Rebanho não pereça por falta de Pastores. Sustenta a fidelidade de nossos bispos, padres e ministros. Dá perseverança a nossos seminaristas. Desperta o coração de nossos jovens para o ministério pastoral em tua Igreja. Senhor da Messe e Pastor do Rebanho, chama-nos para o serviço de teu povo. Maria, Mãe da Igreja, modelo dos servidores do Evangelho, ajuda-nos a responder SIM. Amém.

³¹ A abertura do segundo Ano Vocacional aconteceu no Santuário Nossa Senhora Aparecida, na Festa do Batismo do Senhor, no dia 12 de janeiro de 2003. Sua conclusão foi no dia 23 de novembro, na Solenidade de Cristo Rei, Dia dos Cristãos Leigos e Leigas.

³² CNBB, *Texto-base do Ano Vocacional - 2003*. Op. Cit., n. 04.

³³ Cf. *Ibid.*, n. 29-53.

³⁴ Cf. SILVEIRA, Jefferson. Passado e presente do Congresso Vocacional. *Op. Cit.*, p. 04-05.

³⁵ Cf. CNBB, *Texto-base do Ano Vocacional - 2003*, n. 28; CNBB, *Texto-base do 2º Congresso Vocacional do Brasil - 2005*, n. 37.

24. Para sua concretização foi necessária uma longa preparação e o amadurecimento das ideias. No primeiro ano, elaborou-se o projeto; no segundo, editou-se o texto-base e, no terceiro, estudou-se o texto e se organizou a logística. O congresso contou com a participação de mais de 400 pessoas. Estiveram presentes cristãos leigos e leigas, pessoas de vida consagrada e ministros ordenados, vindos de todo o Brasil, para debater a Pastoral Vocacional (PV), sendo 370 delegados dos - até então - 16 Regionais da CNBB, mais representantes de pastorais e de organismos ligados à PV, além da equipe de apoio.
25. No Congresso foi utilizada o método “Ver-julgar-agir”³⁶. No primeiro dia a assessoria ficou sob responsabilidade do Pe. João Batista Libânio, jesuíta, que trabalhou a questão do “ver”. A partir do tema “Situando a Igreja”, Pe. Libânio analisou os quatro cenários que, segundo ele, poderiam marcar a Igreja do novo milênio: Igreja da instituição, carismática, da pregação e da práxis libertadora. A partir da exposição, o período da tarde contou com o trabalho dos 18 grupos de estudo, que foram motivados a identificar as “luzes” (aspectos positivos) e as “sombras” (negativos) da PV da Igreja do Brasil³⁷.
26. O “julgar” marcou o terceiro dia do congresso. Com o tema “Teologia das Vocações”, o teólogo servita, Frei Clodovis Boff, analisou o aspecto *Trinitário*, no qual o Pai escolhe, o Filho chama e o Espírito Santo faz ressoar a palavra no coração humano em vista do bem de todos. Depois abordou a dimensão *Eclesiológica*, destacando a vocação batismal, que sustenta todas as vocações, e a dimensão *Antropológica*, na qual todos os membros da Igreja são vocacionados. Proclamou a necessidade de se resgatar a grande vocação à vida e a importância da oração pelas vocações. Por fim, debateu o contexto pastoral da animação vocacional, insistindo que a PV deve se articular com as outras pastorais e movimentos, bem como deve estar inserida e se adaptar à realidade sociocultural da região em que atua, sem perder sua identidade.

³⁶ A abertura oficial foi marcada por uma “Celebração da Luz”, com a representação da passagem bíblica de Bartimeu, lema do congresso. A saudação foi feita por D. Jayme Chemello, presidente da CNBB na época, e a acolhida pelo Pe. Paulo Crozera, secretário-geral do congresso (então assessor nacional do Setor Vocações e Ministérios), e pelo arcebispo de Campinas, D. Gilberto Pereira Lopes. O discurso de abertura ficou a cargo de D. Angélico Sândalo Bernardino, presidente do congresso (na época, responsável pelo Setor Vocações e Ministérios da CNBB). Em sua apresentação, D. Angélico ressaltou a importância daquele momento de avaliação da caminhada da PV e lembrou duas personalidades importantes da Igreja, falecidas naquele ano: D. Hélder Câmara e D. Joel Ivo Catapan, SVD, o *Bispo das Vocações*

³⁷ À noite deste dia, houve a homenagem a D. Joel Ivo Catapan e foi aberta uma exposição vocacional. A noite do segundo dia foi reservada para a troca de experiências entre os Regionais. O encerramento foi marcado pela *Noite Cultural*, com apresentação de comidas e danças típicas dos Regionais, o lançamento do CD “Ele te chama”, do grupo *Quaerite*, e a distribuição da primeira redação do Documento Conclusivo do Congresso. Uma missa ao ar livre, presidida por D. Angélico Bernardino, iniciou o último dia do congresso. Após a celebração, a primeira redação do Documento foi analisada pelos grupos de estudo, divididos por Regionais, que apresentaram suas emendas em plenário. O 1º Congresso Vocacional do Brasil encerrou-se com a votação e aprovação por parte da assembleia do Documento Conclusivo.

Novamente os grupos se reuniram para debater a palestra e analisar as necessidades para que a PV esteja adaptada criativamente à caminhada da Igreja do Brasil.

27. O quarto e penúltimo dia do congresso foi dedicado à reflexão sobre o “agir”. Com assessoria do teólogo José Lisboa Moreira de Oliveira, foram estudadas as “Pistas e Perspectivas para o Serviço de Animação Vocacional no Novo Milênio”. O assessor insistiu na importância de que toda comunidade cristã tenha uma consciência vocacional, e aprofundou diversos temas, como a dimensão dialógica da vocação (chamado-resposta), a eclesiologia da vocação, o serviço de animação vocacional, as pistas de ação para auxiliar o vocacionado a definir sua missão e a necessidade do acompanhamento vocacional. No período da tarde, os congressistas voltaram a se reunir em grupos, porém de acordo com áreas de interesse (indicadas no ato da inscrição).
28. O Documento Final do 1º Congresso Vocacional contempla o rico conteúdo e experiência da animação vocacional a partir do tema “Vocações e ministérios para o novo milênio”. Destaca a diversidade de cenários eclesiais, apresenta as luzes e sobras da pastoral vocacional, reforça o chamado ao amor na comunidade dos vocacionados e no serviço aos pequenos, com enfoque na mística dos animadores e animadoras e realce nas esperanças e sonhos, assumindo os desafios existentes. Para isso o Congresso propôs algumas pistas de ação, com destaque para as dimensões eclesiais e a formação dos agentes vocacionais, a organização e etapas do processo vocacional, a integração e as parcerias na pastoral vocacional, bem como os serviços e recursos necessários para o serviço da animação vocacional. Foi assim mais uma etapa na realização do sonho de ter “uma Igreja plenamente consciente de ser uma assembleia de pessoas, convocadas e reunidas pela Trindade, na riqueza da diversidade e complementariedade das vocações, carismas e ministérios”.³⁸

O 2º Congresso Vocacional do Brasil

29. Após seis anos da realização do 1º Congresso Vocacional, a Igreja do Brasil celebrou a realização da segunda edição desse grande encontro. De 02 a 06 de setembro de 2005, também em Itaipava, realizou-se o 2º Congresso Vocacional do Brasil³⁹, a partir da temática: “Igreja, povo de Deus a serviço da vida”, e do lema: “Ide também vós para a minha vinha!” (Mt 20,4). Lançado em agosto de 2004, o Texto-base do 2º Congresso animou as comunidades a refletirem sobre o *ver* (memória da animação vocacional no Brasil), o *judgar* (chamados e enviados à vinha do Senhor) e o *agir* (fundamentos teológicos e indicações pastorais).
30. O evento foi uma grande celebração da vitalidade do serviço de animação vocacional. Cristãos leigos e leigas, consagradas e consagrados, diáconos, padres e bispos analisaram juntos a caminhada da Igreja neste setor e elaboraram, a muitas mãos, um

³⁸ Cf. Documento Final do 1.º Congresso Vocacional do Brasil, n. 48.

³⁹ Cf. CNBB-ROGATE, *Boletim Convocação*, n. 67 (out-dez/2005), p. 04-07.

documento que dá diretrizes para o desenvolvimento da pastoral vocacional e para o trabalho dos animadores e animadoras vocacionais⁴⁰.

31. No primeiro dia de estudos, as apresentações enfocaram o “marco situacional”. Alfonso García Rubio,⁴¹ falou sobre “Antropologia Vocacional; a pessoa humana no contexto sócio-político-cultural e eclesial”. Pe. Rubio insistiu que na Igreja deve-se desenvolver relações de interiorização e de abertura, tendo uma visão integrada do ser humano, respeitando toda sua complexidade e riqueza de dimensões. A conferência seguinte foi assessorada pela religiosa Patrícia Licandro, que abordou o tema “As opções vocacionais”, destacando a importância do acompanhamento personalizado para o discernimento vocacional.
32. No segundo dia, uma leitura orante do evangelho de Mateus (20, 1-16), coordenada pela Ir. Maria Aparecida Barboza, marcou a abertura do dia dedicado ao estudo do “marco teológico”. Frei Luiz Carlos Susin, em sua palestra, “Povo de Deus: vinha e vinhateiros para o Reino”, destacou a categoria bíblica da eleição como fundamento vocacional. Além disso, falou sobre a necessária dialética entre ser vinha e ser vinhateiro, e a respeito da criatividade do Espírito, que suscita carismas e ministérios em um mundo complexo.
33. No dia seguinte foi trabalhado o “marco operacional”⁴². O teólogo José Lisboa apresentou o tema: “Apertar o passo; fundamentos teológicos do método pedagógico vocacional”. Ressaltou que a prática evangelizadora precisa estar em perfeita sintonia com aquilo que se prega, e insistiu na importância do testemunho de vida. Segundo José Lisboa, na caminhada vocacional há momentos em que é necessário parar, tendo presente que Jesus muitas vezes também parou para ficar com os discípulos. Pe. Ângelo Ademir Mezzari ministrou palestra sobre “A metodologia e o planejamento no Serviço de Animação Vocacional”. Segundo Pe. Ângelo, o planejamento permite superar a prática de ações ligeiras, com visão limitada e imediatista. Para tanto, é fundamental que haja uma vontade clara de fazer o planejamento. Afirmou, ainda,

⁴⁰ A abertura do congresso foi marcada pela celebração da Palavra presidida por D. Pedro Brito Guimarães, coordenador da comissão executiva que preparou o evento. Na oportunidade, o Bispo de São Raimundo Nonato (PI) recuperou a história da preparação do congresso e destacou que o Papa Bento XVI, em seu primeiro pronunciamento após ter sido eleito papa, na Praça de São Pedro, afirmou ser “um humilde operário da vinha do Senhor”. É um sinal concreto de que todos os cristãos são chamados a trilhar este mesmo caminho de ser operário e operária na vinha do Senhor, lema iluminador do 2º Congresso Vocacional do Brasil. Já no auditório *Rainha dos Apóstolos*, D. Anuar Battisti, arcebispo de Maringá (PR) e então presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ministério Ordenado e a Vida Consagrada (CEMOVC), da CNBB, saudou a todos e declarou aberto o congresso.

⁴¹ Pe. Alfonso é presbítero da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; Ir. Patrícia é psicóloga e então presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil de Goiânia (CRB-GO); Ir. Maria Aparecida então assessora da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB; Frei Luiz Carlos é doutor em Teologia e professor de pós-graduação da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana e da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (RS).

⁴² José Lisboa Moreira de Oliveira, doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e então presidente do Instituto de Pastoral Vocacional (IPV); Pe. Ângelo Ademir Mezzari, mestre em Teologia Dogmática, jornalista e provincial da Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus.

que o próprio Jesus indica-nos a necessidade de planejar antes de qualquer ação (cf. Lc 14,28-32) e alertou que quanto menos recursos humanos e financeiros se possui, mais importante se torna o planejamento.

34. O 2º Congresso Vocacional do Brasil⁴³ deixou a sua marca para o futuro da animação vocacional. A novidade trazida pelo evento se concentra em três elementos distintos, mas ao mesmo tempo complementares: a retomada da antropologia da vocação; o convite a visitar e conhecer as nossas “praças”; a urgência e a necessidade do método pedagógico na animação vocacional. Tendo presente as novas praças, e consciente da eleição divina como referência fundamental para a compreensão da dinâmica vocacional, o 2º Congresso apresentou pistas e diretrizes quanto: ao método pedagógico, ao planejamento e à organização vocacional; ao lugar, missão e espiritualidade do serviço de animação vocacional; ao itinerário dos vocacionados e vocacionadas, contemplando as etapas do despertar, discernir, cultivar e acompanhar, aplicados aos cristãos leigos e leigas, a vida consagrada, ao ministério presbiteral, ao diaconato permanente.

ALGUMAS QUESTÕES PARA A REFLEXÃO DA PRIMEIRA PARTE:

1. *Elaborar a história da pastoral vocacional ou do serviço de animação vocacional em sua comunidade. Para auxiliar, pode-se verificar no quadro histórico apresentado no anexo 1 deste Instrumento de Trabalho a partir de que ano a comunidade começou a se inserir no serviço de animação vocacional. O resultado pode ser apresentado em um painel criativo, durante uma celebração eucarística ou em uma assembleia ou reunião ampla.*
2. *Onde for possível, resgatar nos Textos-bases dos congressos anteriores (1999 e 2005) e do Ano Vocacional de 2003 a parte histórica da animação vocacional, fazendo um elenco dos documentos eclesiais aí citados. A equipe poderá, a partir do resultado, distribuí-los para alguns estudiosos prepararem uma síntese dos mesmos para serem apresentadas à comunidade, como aprofundamento.*
3. *Procurar adquirir os Documentos Finais dos dois congressos anteriores (1999 e 2005) para um estudo partilhado na comunidade ou equipe vocacional. Após esta fase, responder: o que esperamos como novidade neste 3º Congresso Vocacional?*
4. *Destacar o que mais chamou atenção no resgate histórico da pastoral vocacional, justificando a escolha.*

⁴³ As reflexões dos assessores e o documento final do evento foram reunidos num único volume, na Coleção Estudos da CNBB, número 90, com o título: “Ide também vós para a minha vinha!”.

SEGUNDA PARTE - JULGAR

A Iluminação da fé

A VOCAÇÃO E A MISSÃO DOS DISCÍPULOS DE JESUS

35. Na Bíblia toda vocação é para a missão e esta pressupõe um chamado: a vocação. Do contrário, a vocação seria algo estéril, fechada em si mesma sem comunhão e consequências em prol do Reino e de sua justiça. Também não podemos reduzir a missão a uma tarefa posterior ao chamado ou a uma simples dimensão da vocação. A missão não é um acréscimo ou extensão da vocação, mas um componente essencial quer seja ela leiga, religiosa ou sacerdotal. A missão faz parte do DNA de toda e qualquer vocação.
36. A vocação tem origem divina: Deus é quem toma a iniciativa e nos chama desde a sua gratuidade. O chamado é graça e envio também. Tanto a vocação quanto a missão nunca visam o bem pessoal do vocacionado, mas de todo o povo de Deus. A verdadeira vocação e missão não são graças apenas para as pessoas escolhidas, mas para muitos conforme dizia Jesus referindo-se a sua própria vocação e missão: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por muitos”.⁴⁴

Vocação e missão: dois lados da mesma moeda

37. Um autêntico serviço de animação vocacional é antes de tudo uma ação evangelizadora e genuinamente missionária. Nos evangelhos, aquele que chama é o mesmo que envia. Tal realidade confirma que vocação e missão são partes de um binômio inseparável e complementar. Ou como diz a expressão popular: são dois lados de uma mesma moeda. Lados distintos, cada um com suas características próprias, mas partes de uma realidade inseparável onde uma pressupõe a outra.⁴⁵
38. Na prática, a distinção entre a vocação e a missão é mais de caráter pedagógico que real. Isto significa que precisamos ficar atentos para evitar certas expressões como aquelas que escutamos ao falar da “dimensão missionária do serviço de animação

⁴⁴ Mt 20, 28.

⁴⁵ O papa Bento XVI cita a metáfora dos "dois lados da moeda" ao referir-se ao discipulado e a missão por ocasião do discurso inaugural da V Conferência. Cf. Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, Paulus, São Paulo, 2007, p.274.

vocacional”. Pois, a missão não é uma simples “dimensão”, mas elemento constitutivo da identidade de toda vocação e parte integrante do serviço de animação vocacional.⁴⁶

A identidade missionária da Igreja

39. A comunidade dos discípulos de Jesus é essencialmente missionária. A missão faz parte da própria natureza e identidade da Igreja.⁴⁷ É impossível pensar numa Igreja não missionária ou indiferente à missão. A comunidade dos seguidores de Jesus existe para a missão e dela procede. Por isso, podemos afirmar com segurança que todas as vocações e ministérios também são de natureza missionária e se fundamentam na missão de Jesus Cristo e do Espírito Santo.
40. De acordo a uma antiga tradição, o termo “Igreja” encontra sua raiz no livro do Deuteronômio para indicar a comunidade de Javé.⁴⁸ Segundo o evangelho de Mateus a Igreja é a comunidade dos chamados e enviados para dar testemunho do Reino e da sua justiça. Mateus é o único evangelista a adotar o termo “Igreja” ao se referir a comunidade dos seguidores de Jesus Cristo.⁴⁹ Por isso ele é conhecido entre os estudiosos como o “evangelho eclesiástico” onde a comunidade dos discípulos missionários é chamada e enviada por Jesus ressuscitado: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.⁵⁰
41. A Igreja é a comunidade dos chamados e enviados para dar testemunho e servir ao Reino. Os próprios evangelhos que ela proclama são escritos missionários que apresentam a pessoa e o projeto de Jesus Cristo, o Reino e a sua justiça. Se de uma parte a Igreja é enviada, de outra ela está sempre enviando os seus discípulos missionários para o serviço da evangelização.

O binômio vocação-missão

42. Ao tratar do tema da vocação dos discípulos missionários na Bíblia, encontramos um esquema simples e invariável montado a partir de dois verbos: chamar – enviar.⁵¹ Todo chamado é feito em vista de uma missão, o envio. No Antigo Testamento vemos que Deus criou um povo missionário. Deus chama e envia o povo de Israel para ser o construtor de seu reino. Os grandes vocacionados e vocacionadas da bíblia não são apenas modelos de pessoas chamadas, mas também são exemplos de

⁴⁶ Cf. BORILE, Eros - CABBIA, Luciano - MAGNO, Vito - RUBIO, Luis, *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 2005, p. 706-707 (misión y vocación).

⁴⁷ O Concílio do Vaticano II insistiu na natureza e na identidade missionária da Igreja. Cf. Decreto *Ad Gentes*, n. 2. O documento afirma também que a Igreja tem como única tarefa a evangelização, porém o modo de exercê-la se diferencia segundo as situações concretas dos grupos humanos (cf. AG, n. 6).

⁴⁸ Cf. Dt 23,2ss = “assembleia de Iahweh”.

⁴⁹ Cf. Mt 16, 18; 18,17.

⁵⁰ Mt 28,19.

⁵¹ Cf. Dicionário de Pastoral Vocacional, p.707.

missionários e missionárias enviados a proclamar e a construir o Reino. Correspondendo ao chamado divino e vivendo os valores do Reino cada membro do povo de Israel assume sua vocação e missão.

43. De maneira geral podemos afirmar que no Antigo Testamento Deus é o autor de todos os chamados enquanto que no Novo Testamento esta função é reservada a Jesus. Porém, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento todos os vocacionados e vocacionadas são enviados a uma determinada missão. Não há um único caso onde o tema da vocação aparece desvinculado do envio e da missão.
44. Dizer “sim” ao chamado vocacional é o mesmo que acolher a missão inerente a este chamado. A resposta generosa à proposta vocacional é também um “sim” ao envio para a missão que em última instância é uma convocação a colaborar na realização do projeto de Deus. O imperativo missionário não é uma exclusividade do evangelho de Mateus, mas aparece em todos os evangelhos sinóticos.⁵² O chamado de Jesus aos vocacionados que pescavam no mar da Galiléia, na coletoria de imposto a Levi, ao cego Bartimeu na entrada de Jericó ou em qualquer outro lugar não é apenas uma convite ao seguimento, mas é também uma convocação a assumir o projeto do Reino e a participar da sua missão.⁵³ Independentemente da vocação específica de cada vocacionado, o chamado é sempre em vista da missão seja qual for a situação ou lugar do mundo.
45. No quarto evangelho Jesus se apresenta um grande número de vezes como o enviado do Pai.⁵⁴ Nos evangelhos sinóticos ele diz que “veio - vim - fui enviado” ou adota outras expressões equivalentes.⁵⁵ Nas cartas de Paulo Jesus também aparece como missionário do Pai e na carta aos Hebreus ele é chamado de “apóstolo”.⁵⁶ No evangelho de Marcos vemos Jesus chamar os discípulos missionários para estarem com ele, os inserir na sua obra e logo os envia confirmando assim a relação entre a vocação/chamado e a missão/envio. Marcos nos mostra de maneira clara que o encontro pessoal do vocacionado com Jesus é uma exigência que antecede o envio e o serviço missionário.⁵⁷
46. A missão dos discípulos de Jesus chamados a transformar a história pessoal e de toda a humanidade, está situada entre a manhã de Pentecostes e a volta gloriosa do Senhor.⁵⁸ Os discípulos missionários formam a comunidade dos seguidores de Jesus comprometidos e preparados para a missão de anunciar e construir o Reino e sua justiça.⁵⁹ Enquanto chamados e enviados por Jesus os discípulos missionários o

⁵² Cf. Mc 16,15-18; Lc 24,44-48.

⁵³ Cf. Mc 1,16-20; 10,46-52; Mt 9,9.

⁵⁴ Cf. Jo 5,36.38; 6,29.57; 7,29; 10,36; 11,42; 17,3.8.18; 20,21.

⁵⁵ Cf. Mc 1,38; 2,17; 10,45; 12,2-8; Mt 5,17; 10,34; 11,27; Lc 4,17-21; 9,48; 10,16; 12,49; 19,10.

⁵⁶ Cf. Rm 8,3; 2Cor 8,9; Gl 4,4; Fl 2,7; Hb 3,1.

⁵⁷ Cf. Mc 3,13-14.

⁵⁸ Cf. At 2,1-13.

⁵⁹ Na bíblia o conceito de justiça difere daquele da sociedade moderna a qual considera todos iguais perante a lei e prescinde da distinção entre oprimidos e opressores, ricos e pobres. A bíblia, e de modo especial o Evangelho de Mateus, opta pela defesa dos pobres que são explorados pelos ricos. Por isso, justo é quem defende o oprimido, ajuda os

representam como verdadeiros embaixadores. O próprio Jesus os chamará de “pescadores de homens” quando os convidou ao seguimento desde as margens do mar da Galiléia.⁶⁰

A iluminação bíblica do III Congresso Vocacional

47. O próximo Congresso Vocacional escolheu a passagem bíblica onde encontramos o imperativo missionário de Jesus ressuscitado: “Os onze discípulos voltaram à Galiléia, à montanha que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, prostraram-se; mas alguns tiveram dúvida. Jesus se aproximou deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempo”⁶¹.
48. Esta passagem do evangelho de Mateus que iluminará a reflexão do III Congresso Vocacional aparece após a cena do túmulo vazio, as aparições às mulheres e a corrupção dos soldados que vigiavam o sepulcro de Jesus. Trata-se de uma cena com tonalidade eclesial-missionária em perfeita harmonia com a totalidade do “evangelho eclesiástico” de Mateus.⁶²
49. Podemos dividir este texto de Mateus em quatro pequenas partes articuladas entre si: a primeira traz a indicação de voltar à Galiléia e encontrar-se com o Ressuscitado (vv. 16-17). A segunda consiste na solene proclamação de Jesus que recebeu de Deus o poder universal (v. 18). A terceira parte é o imperativo missionário (v. 19). A última parte é a garantia da presença do Ressuscitado junto aos discípulos missionários (v.20).

Meditar e rezar a Palavra vocacional

50. Queremos meditar este texto com o qual Mateus conclui o seu Evangelho em chave vocacional-missionária. A presente meditação é fruto de uma leitura pastoral com traços de espiritualidade enriquecidas pelas notas da exegese bíblica. Desejamos e sugerimos que ela seja feita e ampliada nas comunidades e grupos que poderão preparar uma bonita celebração com cantos e símbolos vocacionais-missionários.

necessitados e se coloca junto aos pobres. Cf. COMBLIN, José, *A profecia na Igreja*, Paulus, São Paulo, 2007, pp. 33-34.

⁶⁰ Cf. Mt 4,19; Mc 1,17.

⁶¹ Mt 28,16-20. Confirma também os passos paralelos nos outros evangelhos onde o Ressuscitado indica aos discípulos o caminho da missão no mesmo dia da ressurreição (cf. Mc 16,9; Lc 24,35; Jo 20,19).

⁶² Os dois congressos vocacionais precedentes também buscaram um texto evangélico para iluminar e enriquecer a reflexão. A véspera do Jubileu que celebrou a virada do milênio refletiu-se sobre a vocação de Bartimeu, adotando como lema do I Congresso a frase do evangelho de Marcos: “Coragem, Levanta-te, Ele te chama” (Mc 10,49). O II Congresso Vocacional escolheu a parábola dos trabalhadores enviados à vinha do evangelho de Mateus para meditar a temática das vocações e ministérios a partir do lema: “Ide também vós para a minha vinha!” (Mt 20, 4). Percebemos nesses congressos mais que uma clara base bíblica, o desejo de avançar à reflexão no sentido de uma compreensão ampla e aberta da temática vocacional e ministerial da Igreja, comunidade de chamados e enviados.

Voltar à Galiléia: um novo começo

51. A cena começa com os onze discípulos caminhando rumo à Galiléia onde tudo havia começado.⁶³ Foi na Galiléia que Jesus iniciou seu ministério e fez o primeiro anúncio do Reino.⁶⁴ A Galiléia foi o lugar do encontro vocacional entre Jesus e os seus discípulos. Regressar à Galiléia é retornar ao começo para iniciar uma nova caminhada vocacional e missionária com mais consistência e maturidade. Também é um convite a valorizar as próprias raízes, a repensar os projetos e as opções. É um novo chamado vocacional que nos permite recomeçar com uma nova fé e uma nova esperança.
52. Voltar à Galiléia “à montanha que Jesus lhes determinara” é uma clara referência às palavras ditas anteriormente pelo anjo: “eis que vos precede na Galiléia; é lá que o vereis”. Também nos recordam as palavras de Jesus às mulheres: “Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá me verão”.⁶⁵ Trata-se de um jeito de mostrar aos discípulos que o Ressuscitado é o mesmo que atuava em Nazaré e que chamou os discípulos às margens do mar da Galiléia.
53. O retorno à Galiléia reflete uma situação experimentada por muitas pessoas da comunidade de Mateus. Afinal, o que significa crer na ressurreição de Jesus? Qual é a relação entre o Galileu que convida pescadores a beira mar para o seguimento e o Senhor ressuscitado? O evangelista insistirá com sua comunidade que a fé em Jesus Cristo ressuscitado não significa uma ruptura com a sua vida terrena e tampouco pode ser reduzida ao gesto de glorificar ou louvar o Ressuscitado.⁶⁶ Os discípulos missionários entenderam que o Ressuscitado é o mesmo que os chamou na beira do mar da Galileia para servir ao Reino.⁶⁷
54. Vale observar que nenhum dos onze discípulos missionários foi dispensado do exercício de retornar à Galileia e verificar a própria opção. Todos têm a oportunidade de aprofundar, refazer o caminho e amadurecer um pouquinho mais. Também percebemos que não se trata apenas de regressar a um lugar geográfico onde os vocacionados haviam encontrado o Mestre. Mas de caminhar até a montanha que Jesus indicara.⁶⁸

⁶³ Estes onze são os doze apóstolos menos Judas, o traidor que de alguma maneira representa aqueles que rejeitaram o projeto de Jesus (cf. Mt 10,1-4; 26,47-56). Os onze simbolizam todo o povo de Deus e não apenas o grupo dos apóstolos. Aqui eles não são convidados pelo próprio nome que já havia sido pronunciado por Jesus no primeiro encontro vocacional.

⁶⁴ Cf. Mt 4,17.

⁶⁵ Mt 28,7; 28,10.

⁶⁶ Quando tratamos do encontro com Jesus Cristo ressuscitado, podemos nos questionar também sobre qual cristologia dá suporte ao serviço de animação vocacional que desenvolvemos nas comunidades.

⁶⁷ Cf. Mt 4,12-17.

⁶⁸ Marcos e Lucas terminam seus respectivos evangelhos com a ascensão de Jesus sem insistir em um retorno imediato à Galileia onde tudo havia começado (Mc 1,16-20). João, na primeira conclusão do seu evangelho também não supõe uma volta apressada à Galileia (cf. Jo 20). Já Mateus, semelhante à segunda conclusão do quarto evangelho onde o autor narra a aparição do Ressuscitado a alguns discípulos às margens do mar da Galileia (Jo 21), apresenta Jesus ressuscitado sobre a montanha na Galileia. De alguma maneira esta cena nos recorda as montanhas frequentadas pelos

55. A montanha é sempre uma experiência de subida e encontro com Deus. Ir à Galileia e à montanha indicada por Jesus significa fazer uma nova experiência com Deus a qual nos permite crescer na espiritualidade de discípulos missionários e aprofundar nossa opção. Mateus deixa claro que não basta retornar para um recomeço. É preciso uma nova experiência de montanha, lugar de Deus onde também se tem a possibilidade de contemplar desde o alto o horizonte da própria caminhada vocacional e missionária.⁶⁹
56. Esse movimento em direção a Galileia e à montanha não dispensa da parte dos discípulos missionários um esforço, um desejo de deslocar-se ou uma experiência de êxodo. Vale observar que os onze voltaram e ninguém se deixou vencer pela preguiça ou o desânimo. Retornar é uma atitude de fé corajosa que assume a dinâmica do recomeçar desde a montanha, lugar do encontro com Deus. Voltar é uma atitude de fé e adesão ao Ressuscitado que nos precede na Galileia, região na qual Jesus começou sua atividade pelo Reino.

Encontrar-se com Jesus Ressuscitado

57. A primeira missão que os discípulos receberam não foi a de realizar uma tarefa e apresentar os resultados, mas a de caminhar ao encontro do Ressuscitado em uma montanha da Galileia.⁷⁰ A missão não se reduz a uma convocação para realizar determinadas atividades. Ela é acima de tudo uma experiência com o Ressuscitado a qual se torna o ponto de partida da atividade missionária. A missão é a comunicação desta experiência de encontro com Jesus Cristo e tudo o que disso decorre.
58. O primeiro chamado dirigido aos discípulos é um convite a retornar, a voltar às origens, a encontrar-se de novo com Jesus. Somente depois desta experiência de um novo encontro com o Ressuscitado aparecerá o imperativo missionário.⁷¹ Neste contexto somos chamados a superar aquela tendência de reduzir a missão ao “fazer coisas”, a preocupação com os resultados e as cifras esquecendo-nos do encontro pessoal com o autor de toda vocação e envio: Jesus Cristo.
59. Voltar para encontrar com o Ressuscitado é uma experiência pascal. É um chamado a fazer uma nova aliança, uma passagem do "velho" para o "novo". Pressupõe a experiência do êxodo, da contradição do Calvário e a certeza da vida nova junto ao Cristo vivo. A vocação tem uma tonalidade pascal de passagem e libertação. Fora desta esfera pascal nenhuma vocação encontra sentido. Somos povo da aliança,

homens de Deus como: Moisés, Elias, etc. Recordamos também a montanha onde o próprio Jesus pronunciou o célebre sermão das bem-aventuranças (Mt 5-7).

⁶⁹ Os biblistas divergem na tentativa de identificar esta montanha. Alguns afirmam que Mateus faz referência aquela onde se deu as tentações de Jesus quando o demônio oferecia os reinos do mundo (Mt 4,8ss). Outros pensam que esta montanha é a mesma da transfiguração (Mt 17,1). A nós interessa mais o sentido teológico da montanha que aquele geográfico.

⁷⁰ O encontro com Jesus Cristo vivo é uma das principais insistências do documento da Conferência de Aparecida. Cf. DAp, nn. 11, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 95, 99, 145, 147, 154, 167, 181 e 226.

⁷¹ Cf. Mt 28,19.

seguidores do Crucificado-ressuscitado, que nos confirma na vocação e nos envia à missão evangelizadora e sempre vocacional.⁷²

Prostrar-se diante daquele que nos envia

60. De volta a Galileia na montanha indicada por Jesus, o evangelista mostra os discípulos missionários no gesto de se “prostrar” o qual é uma atitude de adoração e fé diante do Ressuscitado semelhante aquele das mulheres que “abraçaram os pés” de Jesus.⁷³ Tudo isso nos ajuda a entender que a missão não dispensa uma forte experiência de fé simbolizada no gesto de adoração. Alguns, porém, observa o evangelista: “duvidaram”.
61. O tema da dúvida reflete a situação pela qual passa a comunidade de Mateus. A dúvida surge quando os discípulos missionários são chamados a dar testemunho do Ressuscitado e a responderem os desafios que surgem no interior da comunidade. Havia certas situações de sofrimento e contradições que sufocavam a fé dos discípulos. Estes não estão isentos das tentações e das fragilidades humanas. Na vivência da própria vocação e no desenvolvimento da missão eles tiveram que superar situações difíceis, amadurecer na fé e a renovar sua opção e compromisso com o Reino. Em realidade, estes onze discípulos missionários representam toda a comunidade dos seguidores de Jesus chamados e enviados a colaborar na construção do Reino a partir da superação das próprias limitações. O evangelista nos mostra os discípulos em atitude de fé – “prostraram-se” como também na fraqueza da dúvida. Todavia, sabemos pelo desenrolar da história que todos se tornaram verdadeiras testemunhas do Ressuscitado e missionários do Reino.

A autoridade dos discípulos missionários

62. Jesus transmite sua autoridade aos discípulos missionários. Tal autoridade já havia sido reconhecida no desenvolvimento de seu ministério quando ele ensinava as multidões, perdoava os pecados, propunha uma nova forma de culto ou quando se dirigia a Deus chamando-o de Pai. Agora, o Ressuscitado dá este mesmo poder para os discípulos missionários: “Jesus, aproximando-se deles, falou: Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei”.⁷⁴

⁷² Sobre o tema da vocação desde a perspectiva pascal, confira: MAIA, G. Luiz, *A Páscoa é nossa vocação*, in Revista Rogate 260, São Paulo, março de 2008, p. 09-12.

⁷³ Cf. Mt 28,9.

⁷⁴ Mt 28,18-19.

63. Os discípulos missionários recebem a autoridade para construir o Reino e a sua justiça daquele que é o Senhor da história.⁷⁵ Trata-se do poder de ser servidores do Reino e continuadores da obra de Jesus que tem autoridade divina e humana, isto é, “no céu” e “na terra”. O mandamento de Jesus é para que todos os discípulos missionários prossigam a obra do Reino e a sua justiça com a autoridade que eles receberam daquele que os chamou e os enviou a “todas as nações”. O Ressuscitado dá aos onze discípulos missionários o poder de servir ao Reino e nunca usá-lo em benefício próprio. Eles representam toda a Igreja chamada a servir e a proclamar a vontade de Deus.

A missão não conhece fronteiras

64. A missão indicada por Jesus Cristo supera as fronteiras, não exclui nenhum povo e alcança “todas as nações”. Os discípulos missionários são enviados não apenas às “ovelhas perdidas de Israel”, mas ao mundo inteiro para fazerem discípulos do Reino e da sua justiça. Do mesmo modo que esta missão ultrapassa as fronteiras de Israel ela também supera os limites do tempo devendo se estender até “a consumação dos séculos”.⁷⁶ Essas expressões usadas pelo evangelista querem afirmar que a missão é um serviço permanente que extrapola os limites do espaço – “todas as nações” – e também do tempo – “até a consumação dos séculos”.
65. O principal objetivo da missão é de promover a adesão à pessoa de Jesus e não de realizar um marketing da fé ou divulgar uma doutrina. A finalidade da missão é de proclamar o reino e motivar todos a se comprometerem com a sua justiça. A missão dos discípulos missionários se realiza em nome de Jesus ressuscitado do qual receberam toda a autoridade e por amor ao Evangelho. Em última análise, a missão não é outra senão a de ser testemunha do Ressuscitado.
66. Segundo o Evangelho de Mateus, o serviço dos discípulos missionários consiste em “fazer discípulos”. Mateus tem claro que os discípulos missionários devem sair, anunciar e dar testemunho do Reino. Aqueles que são “feitos discípulos” mediante a missão também, deverão, por sua vez, “fazer discípulos” para o Reino formando assim uma contínua linha missionária.

O protagonismo da missão

⁷⁵ Nessa cena Mateus apresenta Jesus ressuscitado segundo a visão do profeta Daniel na qual o Filho do Homem é descrito em toda a sua glória e majestade (cf. Dn 7,14). No capítulo anterior Mateus já havia assinalado essa realidade (cf. Mt 27,63).

⁷⁶ O evangelista insiste na universalidade da salvação trazida por Jesus Cristo e da missão dos seus discípulos missionários. Já no início de sua obra Mateus mostrou Jesus sendo reconhecido e adorado pelos magos que não eram descendentes de Abraão (Mt 2,1-12). Nessa cena conclusiva do Evangelho ele estende a missão a “todas as nações” (cf. Mt 24,14; 25,32). Estas passagens superam a concepção nacionalista que aparecem em algumas linhas do Evangelho de Mateus restringindo a ação dos discípulos missionários às fronteiras de Israel (cf. Mt 10,6).

67. Os discípulos missionários não são os personagens principais da ação missionária da Igreja. Eles são apenas os mensageiros da Boa Notícia. Em toda a Bíblia a importância da missão recai sempre sobre aquele que chama e envia e não sobre os enviados.⁷⁷ Aos discípulos missionários podemos aplicar o ensinamento de Jesus: “Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer”.⁷⁸
68. Quem conduz os discípulos missionários e toda a Igreja é o Espírito Santo. O mesmo Espírito que desperta aqueles que acolhem o anúncio dos enviados de Jesus Cristo. Não podemos reduzir a missão a um agir puramente humano e esquecer que o Espírito Santo é o seu autor principal. Trata-se do mesmo Espírito que atuou sobre Jesus, nos apóstolos e nas comunidades.⁷⁹

Jesus está com os discípulos missionários

69. No final da cena Mateus deixa claro que Jesus ressuscitado é Deus morando no meio de nós para sempre. Os discípulos missionários caminham com a certeza de que aquele que os chamou estará sempre presente no meio deles. Jesus dá todas as garantias aos discípulos que jamais os abandonará. Ele é o “Emanuel – Deus conosco” – que acompanha seus vocacionados missionários até “a consumação dos séculos”.
70. Os discípulos missionários partem para a missão na presença do Ressuscitado que caminha com eles da mesma maneira que no passado Deus caminhava com o povo de Israel.⁸⁰ O evangelista insiste em mostrar Jesus ressuscitado junto aos seus discípulos como presença viva e não apenas como uma lembrança ou recordação de um grande personagem do passado. Mateus começou o seu evangelho narrando “a origem de Jesus Cristo” e afirmando que ele é o “Emanuel”. E termina a sua obra reafirmando que Jesus está sempre presente com os discípulos missionários até “a consumação dos séculos”. Os discípulos missionários chamados a “estar com Jesus” partem para a missão acompanhados por aquele que o envia. Ou seja, o vocacionado estará sempre com Jesus, quer na hora do chamado como também no dia a dia da missão.

Batizar em nome da Trindade

71. Os vocacionados missionários são enviados a “fazer discípulos” a partir da imersão de “todas as nações” na Santíssima Trindade, ou seja, “batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.⁸¹ Batizar é “mergulhar” as pessoas na dinâmica do

⁷⁷ Jesus é o único enviado de Deus a ter importância em si mesmo por ser o Filho. Todos os demais enviados são personagens secundários uma vez que a importância é reservada a quem os envia.

⁷⁸ Lc 17,10.

⁷⁹ Cf. Lc 4,17-21; Jo 14,16; At 2,1-13.

⁸⁰ Cf. Dt 4,7.

⁸¹ A prática do batismo a partir da fórmula trinitária já era conhecida nas primeiras comunidades (cf. 1Cor 12,3-5; 2Cor 13,13). Essa mesma fórmula também aparece no antigo documento denominado “*Instrução dos Doze Apóstolos*” –

Evangelho e integrá-las na comunidade dos discípulos missionários, a Igreja. O Batismo e os demais sacramentos de iniciação cristã nos consagram e confirmam nossa identidade missionária. Ele nos introduz na Igreja e nos coloca na dinâmica do Reino e da sua justiça.⁸²

72. A Santíssima Trindade é o melhor modelo que temos de missão. Pois a vida divina no seio da Trindade é um doar-se plenamente ao outro. Com a Trindade aprendemos a sair do próprio círculo e a entregar-se por amor, que é traduzido em missão. O Pai envia o Filho, ambos nos enviam o Espírito Santo que nos faz Igreja de discípulos e missionários de Jesus Cristo. Todos somos chamados e enviados desde o seio da Trindade para o coração do mundo. A razão última do envio é sempre o serviço ao povo de Deus, a Igreja e a toda a humanidade chamada ao Reino.
73. A comunhão das vocações e ministérios nos recorda a comunhão trinitária. Todos os discípulos de Jesus, independentemente de sua vocação específica, participam da única vida divina na única missão da Igreja que consiste em seguir Jesus Cristo e anunciar o Reino e a sua justiça.⁸³(**Formulação estranha / seria conveniente conferir o que o texto citado apresenta**) Ao enviar os discípulos com a missão de “fazer discípulos” mediante o Batismo, Jesus manifesta seu desejo de ampliar a comunidade daqueles que acolhem sua mensagem e assumem o projeto do Reino.

Missão de todos e de cada um

74. Jesus não confiou a missão evangelizadora a Pedro ou a um dos apóstolos, mas aos onze que representam toda a Igreja chamada a edificar o Reino. Porém, são diferentes as maneiras de desenvolver a missão quando consideramos a variedade dos carismas e ministérios suscitados pelo Espírito Santo nas comunidades. Pelo Batismo todos são chamados e convocados à missão. Mas cada vocação específica - sacerdócio, vida consagrada, leigos e leigas - têm formas próprias de participar da missão evangelizadora da Igreja.
75. Os ministros ordenados (diáconos, presbíteros e bispos) dedicam-se totalmente ao serviço evangelizador.⁸⁴ A pessoa vocacionada ao ministério ordenado é chamada a colocar-se integralmente a serviço da Igreja e de sua causa: a evangelização.⁸⁵ Os chamados e chamadas à vida consagrada sabem que sua vocação é essencialmente missionária uma vez que são testemunhas e anunciadores do Reino no meio das

Didaqué. Na Didaqué também encontramos algumas indicações sobre a manutenção dos discípulos missionários. Normalmente eles viviam da generosidade e da hospitalidade das comunidades. Alguns tinham alguma habilidade manual para determinados trabalhos. Isso os colocava em sintonia com as instruções de Jesus que orientava os seus seguidores a partirem revestidos de pobreza (cf, Mt 10,9-10). Cf. Didaqué XI, 3-6.

⁸² Confirma o decreto do Concílio *Presbyterorum Ordinis*, n. 2.

⁸³ Cf. Dicionário de Pastoral Vocacional, p. 694.

⁸⁴ Cf. *Presbyterorum Ordinis*, n. 3.

⁸⁵ O sacerdócio ministerial é essencialmente missionário. Porém, algumas vezes percebemos que o aspecto pastoral e administrativo obscurece a identidade genuinamente missionária do ministério ordenado. Sobre a identidade missionária do ministério sacerdotal, confira o excelente artigo de Gorski: GORSKI, J., *La identidad radical del presbítero: ser misionero*, in Boletín Oslam 48, enero a junio, Bogotá, 2006, pp. 57-71.

realidades do mundo. De igual maneira os fiéis leigos e leigas são convocados a serem “sal da terra e luz do mundo”.⁸⁶ Ou como afirma o documento de Puebla: “Os cristãos leigos são homens e mulheres da Igreja no coração do mundo, homens e mulheres do mundo no coração da Igreja”.⁸⁷

76. Na atualidade a Igreja convoca todos os seguidores de Jesus Cristo a levar adiante a missão evangelizadora. Em Aparecida os bispos reconheceram a necessidade de uma “conversão pastoral” para aproximarmos mais das pessoas que hoje estão mais abertas ao diálogo, demonstram maior flexibilidade nas questões polêmicas e têm um grande anseio da justiça do Reino.⁸⁸ Tal realidade abre um novo horizonte para os discípulos missionários e se apresenta como uma desafiadora realidade ao serviço de animação vocacional que encontra em Maria seu melhor modelo.

ALGUMAS QUESTÕES PARA A REFLEXÃO A PARTIR DA SEGUNDA PARTE

Para aprofundar e partilhar as reflexões da segunda parte deste texto sugerimos que a equipe ou comunidade prepare o ambiente, pegue o violão e organize uma Leitura Orante da Palavra de Deus (*lectio divina*) a partir do texto bíblico que ilumina a reflexão do III Congresso Vocacional (Mt 28,16-20). Lembrem-se os passos da leitura orante da bíblia: invocar o Espírito Santo, ler o texto com muita atenção, silenciar para meditar a Palavra, ruminar, partilhar as reflexões sobre o texto, rezar a Palavra, formular um compromisso. Esta partilha pode se estender por toda uma manhã ou tarde e terminar com uma linda e animada celebração.

⁸⁶ Mt 5,13-16.

⁸⁷ Cf. Documento de Puebla, n.786.

⁸⁸ Cf. DAp, n. 365, 366, 368 e 370.

TERCEIRA PARTE – AGIR

Indicações pastorais

DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS A SERVIÇO DAS VOCAÇÕES ELEMENTOS DE UMA TEOLOGIA E PASTORAL DAS VOCAÇÕES

A Palavra de Deus, fonte e sustento do discipulado e da missão

77. “A missão de anunciar a Palavra de Deus é tarefa de todos os discípulos de Jesus Cristo como consequência de seu Batismo”⁸⁹. No mistério de Deus que fala está a atitude de escuta daquele que crê pela obediência da fé. A Palavra de Deus tem uma dimensão vocacional, que por si mesma chama, pois age de um modo eficaz no coração daqueles que a acolhem. Ela contém figuras, histórias e reflexões que narram os chamados de personagens bíblicos em vista de uma missão. Todos têm, como modelo único e definitivo de vocação e missão, Jesus Cristo, Filho de Deus, que cumpre o projeto de salvação do Pai. De fato já que “a Palavra de Deus se fez carne para comunicar-se aos homens, um modo privilegiado para conhecê-la é através do encontro com testemunhas que a tornam presente e viva”⁹⁰. Portanto, aos jovens seja apresentada “a Escritura em suas implicações vocacionais de maneira que ajudem e orientem muitos jovens em suas opções vocacionais, até a consagração total”⁹¹. Os candidatos ao sacerdócio devem aprender a amar a Palavra de Deus, pois ela é “indispensável para formar o coração de um bom pastor, ministro da Palavra”⁹².
78. Na perspectiva bíblica o ser humano é continuamente chamado a responder, em sua liberdade, aos apelos da Palavra. A Sagrada Escritura, na vida de cada pessoa, assume uma função teológica, porque abre à transcendência, e uma função pedagógica, que educa à escuta, ao confronto com a mensagem da Palavra, e ao discernimento em vista de uma tomada de posição sobre si mesmo e sua história. A relação entre Palavra e vocação assume um valor espiritual, que conduz à questão da oração pelas vocações. Esta oração, ensinada por Jesus no Evangelho⁹³, para se pedir operários à messe, torna-se lugar de escuta, de proposta, de disponibilidade e de resposta vocacional. Uma espiritualidade bíblica fundamentada sobre a oração pelas vocações faz com que a Palavra ouvida e acolhida no coração possa transformar-se em discernimento e itinerário vocacional. Pois “Encontramos Jesus na Sagrada Escritura, lida na Igreja”⁹⁴. Faz-se, pois, “necessário propor aos fiéis a Palavra de Deus como dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo...”⁹⁵.

⁸⁹ Sínodo dos Bispos, Proposição 38.

⁹⁰ Sínodo dos Bispos, proposição 38.

⁹¹ *Ibid.*, proposição 34.

⁹² *Ibid.*, proposição 31.

⁹³ Cf. Mt 9,37-38; Lc. 10,2

⁹⁴ DAp, n. 247.

⁹⁵ *Ibid.*, n. 248.

Jesus Cristo, missionário de Deus Pai

79. Jesus Cristo é a plenitude da revelação de Deus. É o Verbo de Deus feito carne, Caminho, Verdade e Vida, o único Libertador e Salvador. Para os homens e mulheres de hoje se abre um caminho de justiça e felicidade, pois em Jesus se revelam o amor misericordioso do Pai e a vocação, dignidade e destino da pessoa humana⁹⁶. Na grande tarefa que a Igreja tem de proteger e alimentar a fé do povo de Deus se recorda que em “virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”⁹⁷. É pelo encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo que se podem despertar discípulos e missionários, com fidelidade e audácia na missão. Somos chamados a reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo. Isso será possível na medida em que homens e as mulheres novos “encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito”⁹⁸. Pois não se pode esquecer que “Jesus, o Bom Pastor, quer comunicar-nos a sua vida e colocar-se a serviço da vida”⁹⁹.

Espírito Santo, força e unção dos discípulos missionários

80. É pela força e a unção do Espírito Santo que se descobre a beleza e a alegria de ser cristão¹⁰⁰. Ele é o Espírito vivificador, alma e vida da Igreja, e com seus dons fortalece o caminho de discípulos missionários. À luz do Espírito a Igreja se sente desafiada a discernir os sinais dos tempos, para colocar-se a serviço do Reino, anunciado por Jesus Cristo, que veio para que todos tenham vida em plenitude¹⁰¹. Como discípulos e discípulas de Jesus, em seu seguimento, é o Espírito que leva à identificação com Ele, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.¹⁰² A partir de Pentecostes, a vitalidade do Espírito se expressa com diversos dons e carismas e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à evangelização¹⁰³. Portanto, “o Senhor continua derramando hoje a sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com “força do Espírito Santo enviado do céu” (1Pd 1,12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu Pai (cf. Jo 20,21)”¹⁰⁴. Os seguidores de Jesus são chamados a deixarem-se guiar constantemente pelo Espírito

A Igreja, discípula missionária de Jesus Cristo

81. A comunidade eclesial tem sua vocação. Ela é “chamada a descobrir e integrar os talentos escondidos e silenciosos, com os quais o Espírito presenteia os fiéis”¹⁰⁵. Na

⁹⁶ Cf. *Ibid.*, n. 6.

⁹⁷ *Ibid.*, n. 10.

⁹⁸ *Ibid.*, n. 11.

⁹⁹ *Ibid.*, n. 353.

¹⁰⁰ Cf. *Ibid.*, n. 14.

¹⁰¹ Cf. *Ibid.*, n. 33.

¹⁰² Cf. *Ibid.*, n. 137.

¹⁰³ Cf. 1 Cor 12,1-11; 1 Cor 12,28-29.

¹⁰⁴ DAp, n. 151.

¹⁰⁵ *Ibid.*, n. 162.

Igreja, povo de Deus, os seus membros, segundo sua vocação específica, são convocados à santidade na comunhão e na missão¹⁰⁶. A vitalidade missionária da Igreja depende da diversidade de carismas, serviços e ministérios¹⁰⁷. É essa diversidade ministerial, vivida na comunhão, que manifesta a única igreja de Jesus Cristo. Ao se abrir espaços de participação e confiar ministérios e responsabilidades, vive-se responsabilmente o compromisso cristão¹⁰⁸. Fonte e alimento é a Palavra de Deus, o que garante uma sólida espiritualidade e favorece uma efetiva participação de todos nos destinos da comunidade¹⁰⁹. A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja e todos os batizados e batizadas através do sacerdócio comum são chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade¹¹⁰.

Uma espiritualidade trinitária, discipular e missionária

82. O serviço de animação vocacional se fundamenta na compaixão de Jesus pela messe abandonada, como ovelhas sem pastor. Da compaixão brota a oração e se manifesta a urgência da missão. De fato “(...) Ao ver as multidões, Jesus encheu-se de compaixão por elas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. Então disse aos discípulos: ‘A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para sua colheita!’”¹¹¹. As vocações são dom de Deus e por isso não devem faltar orações especiais ao Senhor da messe¹¹². Há necessidade de intensificar, de diversas maneiras, a oração pelas vocações. É pela oração que se pode criar maior sensibilidade e receptividade ao chamado do Senhor. E também promover e coordenar iniciativas vocacionais, como diz Aparecida. É Deus Pai quem nos atrai, o ponto de início da espiritualidade cristã é a experiência do Batismo fundada na Trindade, e “uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor”¹¹³.

Apelos eternos e permanentes para os discípulos missionários

83. “... Vem e Segue-me...”¹¹⁴, “Vinde e vede”¹¹⁵, “Coragem! Levanta-te, Ele te chama”¹¹⁶, “Ide também vós para a minha vinha”¹¹⁷, “Ide, pois, fazei discípulos...”¹¹⁸. Sob todos os aspectos são apelos eternos, porque em Jesus Cristo há o chamado, a

¹⁰⁶ Cf. *Ibid.*, n. 163.

¹⁰⁷ Cf. DGAE, Publicações CNBB 4, n. 162.

¹⁰⁸ Cf. *Ibid.*, n. 164.

¹⁰⁹ Cf. DAp, n. 308-309.

¹¹⁰ Cf. *Ibid.*, n. 156-157.

¹¹¹ Cf. Mt 9,35-38. Cf. também Lc 10,2.

¹¹² DAp, n. 314.

¹¹³ *Ibid.*, n. 240.

¹¹⁴ Cf. Mt 19,21; também cf. Mt 4,19 e Mt 9,9.

¹¹⁵ Cf. Jo 1,39.

¹¹⁶ Cf. Mc 10,49b.

¹¹⁷ Cf. Mt 20,4.

¹¹⁸ Cf. Mt 28,19.

resposta, o seguimento, o discipulado, a missão. A graça do Pai, os dons do Espírito, carismas que se manifestam plenamente para o bem do povo de Deus. Certamente mudaram as modalidades, as dinâmicas, os espaços, o público. Mas sempre haverá o convite que vem, o mandato para ir, através de tantas mediações. A resposta será sempre de cada um, pessoalmente, que se sente interpelado e convocado. A Igreja, em suas instâncias e serviços, será sempre uma mediadora, necessária, fundamental, no acompanhamento, discernimento e formação. Porque o mais importante é ser discípulo de Jesus e segui-lo, na diversidade de serviços e ministérios que surgem, por graça de Deus e gratuidade do Espírito, na comunidade. Em uma sociedade que se sustenta muito no individualismo, no relativismo, na busca desenfreada da satisfação pessoal, no consumismo, somos chamados a afirmar e testemunhar os valores fundamentais da vida humana e da fé.

Uma animação vocacional que forma discípulos missionários

84. “A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja”¹¹⁹. No processo de formação dos discípulos missionários de Jesus Cristo um lugar particular tem a pastoral vocacional que “acompanha cuidadosamente todos os que o Senhor chama a servir à Igreja no sacerdócio, na vida consagrada ou no estado laical”¹²⁰. Diz Aparecida que este serviço vocacional é responsabilidade de todo o povo de Deus. Inicia na família, continua na comunidade cristã, dirige-se às crianças e especialmente aos jovens. Finalidade dessa pastoral é ajudar a “descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento”¹²¹.
85. O Documento de Aparecida¹²² contempla os elementos fundamentais do um serviço de animação vocacional, como o entendemos hoje, a saber: responsabilidade de toda a Igreja, o povo de Deus; integrada na pastoral ordinária, de conjunto e orgânica; a dimensão eclesial e específica da vocação dos discípulos missionários a partir do Batismo e do sacerdócio comum (ministros ordenados, vida consagrada, cristãos leigos e leigas); o ambiente propício para o florescimento da vocação, a família e a comunidade cristã, completado pela escola católica e demais instituições eclesiais; os interlocutores imediatos da animação vocacional, as crianças e os jovens; a necessidade de um processo de acompanhamento e discernimento; e a mesma natureza da animação vocacional, que consiste em ajudar a descobrir o sentido da vida, a vocação, no projeto que Deus tem para cada um.

Discípulos missionários com vocações específicas

¹¹⁹ DAp, n. 156.

¹²⁰ *Ibid.*, n. 314.

¹²¹ Cf. *Ibid.*, n. 314.

¹²² Cf. todo o Capítulo V e VI do Documento de Aparecida.

86. Discípulo é aquele que se coloca a caminho no seguimento de um mestre, aprendendo dele e compartilhando com ele ideais e projetos de vida. Na perspectiva da fé cristã o discipulado consiste em seguir uma pessoa porque se ama, completada sempre com a missão. Por isso que todo discípulo é missionário¹²³. “O discípulo é alguém chamado por Jesus Cristo para com ele conviver, participar de sua Vida, unir-se à sua Pessoa e aderir à sua missão, colaborando com ela”¹²⁴. Na Igreja, os discípulos missionários têm vocações específicas e são chamados ao fiel cumprimento de sua vocação batismal. De fato “a condição do discípulo brota de Jesus Cristo como de sua fonte, pela fé e pelo batismo, e cresce na Igreja, comunidade onde todos os seus membros adquirem igual dignidade e participam de diversos ministérios e carismas. Desse modo, realiza-se na Igreja a forma própria e específica de viver a santidade batismal a serviço do Reino de Deus”¹²⁵.

A vocação e missão dos Ministros Ordenados como discípulos missionários

87. Uma leitura do Documento de Aparecida na perspectiva da animação vocacional do ministério ordenado permite ver que os **bispos** são discípulos missionários de Jesus Sumo Sacerdote e tem “a vocação de servir ao Povo de Deus, conforme o coração de Cristo Bom Pastor”¹²⁶. Chamados a promover por todos os meios a caridade e a santidade dos fiéis, fazem da Igreja uma casa e escola de comunhão e tem como missão “acolher, discernir e animar carismas, ministérios e serviços na Igreja”¹²⁷. Já os **presbíteros** são discípulos missionários de Jesus Bom Pastor e em sua identidade teológica de sacerdócio ministerial estão “a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo”¹²⁸. Em relação ao ministério os presbíteros na cultura atual são chamados a semear a “semente do Evangelho, ou seja, para que a mensagem de Jesus chegue a ser uma interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente os jovens”¹²⁹. O ministério presbiteral, que brota da Ordem Sagrada, vivido no celibato e numa vida espiritual intensa, tem “radical forma comunitária e só pode desenvolver-se como tarefa coletiva”¹³⁰. Já os **diáconos permanentes** são discípulos missionários de Jesus Servidor são fortalecidos pela “dupla sacramentalidade do Matrimônio e da Ordem”¹³¹. Ordenados para o serviço da Palavra, da caridade e da liturgia são chamados a dar “um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão”¹³².

¹²³ Cf. DAp, n. 144.

¹²⁴ DGAE n. 57.

¹²⁵ DAp, n. 184.

¹²⁶ Cf. *Ibid.*, n. 186.

¹²⁷ Cf. *Ibid.*, n. 187-188.

¹²⁸ Cf. *Ibid.*, n. 193.

¹²⁹ Cf. *Ibid.*, n. 194.

¹³⁰ Cf. *Ibid.*, n. 195-196.

¹³¹ Cf. *Ibid.*, n. 205.

¹³² Cf. *Ibid.*, n. 208.

A vocação e missão dos consagrados como discípulos missionários

88. Os **consagrados e consagradas** são discípulos missionários de Jesus Testemunha do Pai. Dom do Pai à Igreja “é um caminho de especial seguimento de Cristo, para dedicar-se a Ele com coração indiviso e colocar-se, como Ele, a serviço de Deus e da humanidade”¹³³. Expressa-se na vida monástica, contemplativa e ativa, nos institutos seculares, nas sociedades de vida apostólica e outras novas formas. Chamados a “fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho”¹³⁴, segundo seus carismas fundacionais colaboram para a gestação de “uma nova geração de cristãos discípulos missionários e de uma sociedade onde se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana”¹³⁵. Os consagrados são chamados a dar testemunho da absoluta primazia de Deus e de seu Reino e a ser uma vida discipular e missionária, com profetismo a serviço do mundo, “que se faz presente nos mais pequeninos e nos últimos, a quem servem a partir do próprio carisma e espiritualidade”¹³⁶. É necessária a vida contemplativa como testemunha de que somente Deus basta para preencher a vida de sentido e alegria. E as novas formas de vida consagrada “precisam ser acolhidas e acompanhadas em seu crescimento e desenvolvimento no interior das Igrejas locais”¹³⁷. Em tudo, os consagrados e consagradas, pelo desejo de escuta, acolhida e serviço, e seu testemunho dos valores alternativos do Reino “mostram o rosto materno da Igreja...mostram que uma nova sociedade é possível”¹³⁸.

A vocação e missão dos cristãos leigos e leigas como discípulos missionários

89. Os **fiéis leigos e leigas** são discípulos e missionários de Jesus, Luz do Mundo, que incorporados a Cristo pelo Batismo formam o povo de Deus e “participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo”¹³⁹. Os leigos são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, seja com o testemunho de vida, seja com ações evangelizadoras. A eles deve ser aberto “espaços de participação e confiar-lhes ministérios e responsabilidades”¹⁴⁰. Mas sua missão própria e específica se realiza no mundo, “de tal modo que, com seu testemunho e sua atividade, contribuam para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho”¹⁴¹. É sinal de esperança, com adequado discernimento e apoio dos pastores, a presença de várias associações leigas, movimentos apostólicos eclesiais e caminhos de formação cristã, comunidades eclesiais e novas

¹³³ Cf. *Ibid.*, n. 216.

¹³⁴ Cf. *Ibid.*, n. 217.

¹³⁵ Cf. *Ibid.*, n. 217.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, n. 220.

¹³⁷ Cf. *Ibid.*, n. 221-222.

¹³⁸ Cf. *Ibid.*, n. 224.

¹³⁹ Cf. *Ibid.*, n. 209.

¹⁴⁰ Cf. *Ibid.*, n. 211.

¹⁴¹ Cf. *Ibid.*, n. 210.

comunidades¹⁴². “Reconhecemos o valor e a eficácia dos Conselhos pastorais, Conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos...”¹⁴³. O processo vocacional e formativo dos leigos para que atuem como discípulos missionários no mundo deve ser realizado na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade¹⁴⁴.

INDICAÇÕES PARA O SERVIÇO DA ANIMAÇÃO VOCACIONAL “A SERVIÇO DAS VOCAÇÕES”

A centralidade do Encontro com Jesus Cristo e a Conversão pastoral

90. O despertar dos discípulos missionários na Igreja acontece na medida em que se propicia e garantir o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo¹⁴⁵. De fato, na missão evangelizadora, o serviço de animação vocacional, como um instrumento do Espírito de Deus, terá como tarefa fundamental fazer com que os vocacionados tenham um “encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”¹⁴⁶. O primeiro e grande dom é o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, pois Deus amou antes de tudo, e a vocação é sempre resposta de amor. Do encontro nasce o discipulado – Jesus é o Mestre - o seguimento, a missão. Neste sentido podemos falar da necessidade de promover no serviço de animação vocacional uma “pedagogia do encontro” que desperte e forme autênticos discípulos missionários. Pois “conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”¹⁴⁷.
91. Na Igreja, também o serviço de animação vocacional deve fazer uma conversão pastoral e renovação missionária, que deve “impregnar todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja”¹⁴⁸. A conversão implica em escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas”¹⁴⁹ através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta. A renovação missionária consiste em construir e fazer comunidades “de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor”¹⁵⁰. Para tanto exigem-se atitudes de “abertura, diálogo e disponibilidade para promover a corresponsabilidade e a participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs”¹⁵¹. Urgência pastoral é o testemunho de comunhão eclesial e de santidade de vida.

¹⁴² Cf. *Ibid.*, n. 214.

¹⁴³ *Ibid.*, n. 215.

¹⁴⁴ Cf. *Ibid.*, n. 283.

¹⁴⁵ Cf. *Ibid.*, n.11.

¹⁴⁶ *Ibid.*, n.12.

¹⁴⁷ *Ibid.*, n. 29.

¹⁴⁸ *Ibid.*, n. 365.

¹⁴⁹ Ap 2,29.

¹⁵⁰ DAp, n. 368.

¹⁵¹ *Ibid.*, n. 368.

O serviço de animação vocacional como parte da missão eclesial

92. O compromisso é fazer do serviço de animação vocacional parte da grande missão continental e da missão de cada comunidade eclesial, um grande impulso missionário, um novo Pentecostes¹⁵². O empenho consiste em fortalecer o vínculo de unidade e comunhão na Igreja, aprofundando aquilo que é próprio da animação vocacional, que é chamar, acompanhar e discernir a vocação dos discípulos missionários para o serviço da evangelização, construindo o Reino de Deus. Prioritário é a fidelidade à pessoa de Jesus Cristo, seu Evangelho, e à Igreja. Deve buscar sempre e cada vez mais o envolvimento, compromisso e participação de todas as instâncias e pessoas responsáveis pelo SAV, na comunhão com a Igreja. Papel fundamental exerce a equipe vocacional, formada por representantes das diversas vocações e pastorais afins, como a catequese, a juventude, a família, a liturgia, e outras. Deve-se continuar insistindo na criação, consolidação e formação das equipes e seus membros, oferecendo-lhes os meios e instrumentos formativos e técnicos para serem autênticos discípulos e fervorosos missionários.
93. A partir de uma ação conjunta e coordenada se busca concretizar a mesma missão da Igreja e da animação vocacional. Cada um deve saber o que e como fazer na condução das ações e processos. Urgente também para a animação vocacional é o planejamento de suas ações, que são evangelizadoras. O planejamento é um esteio de unidade. A razão está na riqueza de grupos, movimentos e associações que a comunidade tem, com carismas, projetos e metodologias próprias. O importante são as metas em comum, a partir dos diversos dons e carismas¹⁵³. A articulação das ações evangelizadoras evita a fragmentação, o desperdício de forças e recursos. É preciso não uniformizar em um único modelo ou jeito de ser¹⁵⁴. Do ponto de vista mais organizacional e operativo, a continuidade do planejamento, na multiplicidade de projetos, nos vários setores de atuação. E a busca de parcerias para suas ações, com a captação de recursos financeiros.

A urgência e contribuição da animação vocacional

94. É urgente dedicar cuidado à animação vocacional¹⁵⁵. De modo geral se constata a escassez de pessoas que respondam à vocação sacerdotal e religiosa. A tarefa consiste em cultivar os ambientes onde nascem as vocações. Há uma certeza, a de que Jesus continua chamando para estar com Ele e anunciar o Reino de Deus. O chamado é urgente, aos cristãos, especialmente os jovens, para que se abram a um possível chamado de Deus. O Pai concede a graça necessária para responder com decisão e generosidade. Mesmo em uma cultura secularizada, onde impera o consumismo e o prazer. Também a animação vocacional é convidada a proclamar e defender, neste

¹⁵² Cf. *Ibid.*, n. 548.

¹⁵³ Cf. DGAE n. 163.

¹⁵⁴ Cf. *Ibid.*, n. 164.

¹⁵⁵ Cf. DAp, n. 315.

contexto, uma cultura da vida. “A vida é presente gratuito de Deus, dom e tarefa que devemos cuidar desde a concepção, em todas as suas etapas, até a morte natural, sem relativismos”¹⁵⁶.

95. A Igreja, também por meio da animação vocacional, contribui para que todos os batizados se reconheçam como vocacionados, discípulos chamados e enviados, na vida e missão da Igreja. É necessário um processo permanente de incentivo para que todas as vocações sejam promovidas, a saber: dos ministros ordenados, da vida consagrada e religiosa, dos cristãos leigos, na possibilidade de tantos serviços e ministérios na comunidade, e seu lugar no meio do mundo. A base disso é a família, lugar, escola, sementeira, das vocações. Em tudo e sempre lembrar que o Batismo é o sacramento fontal de toda vocação e missão, aquele que insere na vida e comunhão da Trindade, como também na vida e comunhão da Igreja. O sonho da animação vocacional é ter “uma Igreja plenamente consciente de ser uma assembleia de pessoas, convocadas e reunidas pelo infinito amor da Trindade, na riqueza da diversidade e complementariedade das vocações, carismas e ministérios”¹⁵⁷.

A formação dos animadores vocacionais

96. Uma das principais contribuições é a formação dos animadores e animadoras vocacionais, como base para um serviço vocacional de qualidade, na perspectiva de uma Igreja ministerial. Isto através dos vários cursos, assessorias, tendo a escola vocacional, com várias modalidades, como uma ação específica e completa, abrangendo as dimensões teológicas, bíblicas, pastorais, e outros. Além disso, é preciso continuar os estudos e pesquisa, buscando aprofundar as várias dimensões das vocações e do serviço de animação vocacional, produzindo livros subsídios que auxiliem os animadores e suas equipes em sua tarefa. Há necessidade de materiais vocacionais, como textos, audiovisuais, filmes vocacionais. Hoje um instrumento valioso é a rede informatizada e virtual, a internet, sendo um importante e eficaz instrumento de evangelização e animação vocacional.
97. Na perspectiva da formação trata-se ainda de aprofundar a identidade, o perfil e a missão dos animadores vocacionais. O despertar, o discernir, o acompanhar, o perseverar das vocações dependem, em parte, do animador vocacional, na medida em que ele se identifica com o serviço a que foi chamado, tem o perfil humano e espiritual adequado, e é capaz de dar testemunho eloquente de amor a Jesus Cristo, a Igreja e ao povo, com generosidade, despojamento e alegria.

Os desafios da animação vocacional

¹⁵⁶ Cf. *Ibid.*, n. 464.

¹⁵⁷ 1º Congresso Vocacional do Brasil, Doc. Final, n. 48.

98. Entre os inúmeros desafios está o avanço em relação aos estudos da questão vocacional, sobretudo nos seus aspectos, sociais, pedagógicos e psicológicos. Ainda um maior aprofundamento, com didática e planejamento, da dinâmica do itinerário vocacional, preparando e oferecendo subsídio para os animadores e mesmo para vocacionados. A utilização das novas tecnologias para entrar nas novas praças, atingir novos públicos¹⁵⁸, como dizia o 2º Congresso Vocacional. Há uma grande defasagem neste sentido, o que comporta formação específica e disponibilidade de recursos. Preocupa ainda a falta de recursos financeiros, e a disponibilidade de tempo de pessoas preparadas, sobretudo nas áreas da teologia, ciências humanas e comunicação, entre outros. Sem esquecer da permanente reflexão bíblica e teológica, um universo inesgotável.
99. Neste sentido é urgente, a partir do Sínodo da Palavra e da Conferência de Aparecida, que a animação vocacional aprofunde a relação entre a Palavra de Deus e a vocação, bem como o tema do discipulado e da missionariedade, nas vertentes antropológicas e culturais, bíblicas, teológicas e pastorais. Menção particular na perspectiva bíblica é a Leitura Orante (*Lectio divina*), sobre a qual, o Sínodo exorta os fiéis e os jovens a “aproximarem-se das Escrituras por meio da leitura orante e assídua, de modo que o diálogo com Deus se torne realidade cotidiana do povo de Deus”¹⁵⁹.

Atenção à vocação e missão dos cristãos leigos e leigas

100. Uma maior consideração e atenção à vocação e missão dos cristãos leigos e leigas. A eles também se deve oferecer instrumentos e matérias adequados para que realizem seu protagonismo no mundo. A questão do protagonismo laical, na perspectiva do sacerdócio comum de todos os fiéis, é um grande serviço a ser prestado. É uma vocação própria, única, chamados e enviados no meio das realidades e da história. Alimentados pelos sacramentos, na vida e prática da fé e no compromisso da evangelização, os cristãos leigos assumem seu papel de testemunhas e sinais, capazes de incidir na vida social, política, econômica, gerar uma nova cultura da fé. São chamados a ser sal e luz, a partir dos valores evangélicos. Os documentos eclesiais, como ultimamente o de Aparecida, ressaltam esta dinâmica do discipulado e da missionariedade, que responde a este apelo e a este significado da vocação laical, que deve ser promovida e sustentada como as outras vocações. A evangelização não pode ser realizada sem eles. “Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade”¹⁶⁰.

A família e os ministros ordenados a serviço das vocações

¹⁵⁸ Cf. 2º Congresso Vocacional, Doc. Final, n. 10-11.

¹⁵⁹ Sínodo dos Bispos, proposição 22.

¹⁶⁰ Cf. DAp, n. 213.

101. O Documento de Aparecida¹⁶¹, de forma simples e esperançosa, faz dois convites. O primeiro é dirigido às famílias para que reconheçam a benção de um filho chamado por Deus. Aos pais cabe apoiar na decisão tomada e no caminho de resposta vocacional. Pois “a família cristã é a primeira e mais básica comunidade eclesial. Nela se vivem e se transmitem os valores fundamentais da vida cristã¹⁶². Um segundo convite é dirigido aos sacerdotes, ministros ordenados. Menção particular se faz aos párocos, animadores de uma comunidade de discípulos missionários¹⁶³. Pela missão e lugar que ocupam na vida e na estrutura da Igreja, são chamados a dar testemunho de vida feliz, alegre, entusiasta, de santidade no serviço do Senhor.
102. De fato, o convite é sempre pessoal, bem como a resposta ao chamado. Jesus chama a cada um pelo seu nome, desperta as aspirações mais profundas de seus discípulos e os atrai a si. Tudo deve favorecer o seguimento como fruto da fascinação por Jesus que responde ao desejo de realização humana, pois ser discípulo é apaixonar-se por Jesus¹⁶⁴. Ampliando o convite, a animação vocacional, em suas ações, programas e projetos, necessita contemplar cada vez mais o testemunho, pessoal e comunitário, de todos os discípulos missionários, dos ministros ordenados, da vida consagrada e religiosa nas diversas formas, dos cristãos leigos.

A vocação dos adolescentes e jovens como discípulos missionários

103. Atenção e cuidado especial merecem os adolescentes e jovens, pois eles “são sensíveis a descobrir sua vocação a ser amigos e discípulos de Cristo”¹⁶⁵. Por não temerem nem o sacrifício nem a entrega da própria vida, “em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz”¹⁶⁶. Diante de tantos desafios que se apresentam, a Igreja, e com ela o que é próprio da animação vocacional, deve renovar a opção preferencial pelos jovens¹⁶⁷. Entre as ações que Aparecida apresenta se encontra o convite aos jovens para que se encontrem com Jesus Cristo e o sigam, propondo-lhes “uma opção vocacional específica: o sacerdócio, a vida consagrada ou o matrimônio”¹⁶⁸. Isso pode ser feito através de um processo de acompanhamento vocacional, de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e orientação da vida.
104. A Igreja no Brasil diz que não basta trazer os jovens para as atividades eclesiais, mas deve ajudá-los “para que descubram sua vocação e assumam seu papel na sociedade”¹⁶⁹. A animação vocacional, em parceria e colaboração com a pastoral

¹⁶¹ Cf. *Ibid.*, n. 315.

¹⁶² *Ibid.*, n. 204.

¹⁶³ Cf. *Ibid.*, n. 201.

¹⁶⁴ Cf. *Ibid.*, n. 277.

¹⁶⁵ Cf. *Ibid.*, n. 443.

¹⁶⁶ *Ibid.*, n. 443.

¹⁶⁷ Cf. *Ibid.*, n. 446.

¹⁶⁸ Cf. *Ibid.*, n. 446.

¹⁶⁹ Cf. Documento Evangelização da juventude, Publicações da CNBB, n. 3.

juvenil, nas etapas e processo do itinerário da educação da fé na comunidade eclesial, deve “levar a uma opção vocacional, entendida como vocação de leigo ou vocação de especial consagração, como presbítero ou religioso (a)”¹⁷⁰. O que sustenta a caminhada é a graça de Deus.

Itinerário fundamental dos discípulos missionários

105. No processo do itinerário, em suas etapas, a animação vocacional deve acolher os princípios que Aparecida indica em relação ao processo formativo dos discípulos missionários¹⁷¹. Antes de tudo contribuir para um encontro mais profundo com Jesus Cristo, pois é o Senhor que chama no caminho de descoberta do sentido da vida. É o querigma o fio condutor de um processo que leva à maturidade de fé e da vocação. A conversão é o segundo passo, como resposta inicial de quem escutou o Senhor, por Ele se deixou seduzir, acredita, decide ser seu amigo, e quer segui-lo. O discipulado, como terceiro passo, consiste em amadurecer no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre. Nesse processo vocacional é importante a catequese permanente e a vida sacramental. O discernimento e acompanhamento vocacional presumem uma vida cristã intensa na família, na comunidade eclesial, na realidade social onde se está, como a escola, o trabalho. Nesses espaços o vocacionado é acompanhado e estimulado a viver sua vocação e responder ao chamado de Deus. Por fim, a missão, como resposta a necessidade que o discípulo tem de compartilhar com os outros a alegria de ser enviado.
106. A missão é inseparável do discipulado. O caminho vocacional é longo e permanente, e requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais, com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas¹⁷². Permanecem válidas e oportunas todas as indicações a respeito do itinerário oferecidas pelo 2º Congresso Vocacional, dirigidas aos vocacionados e vocacionadas, aos cristãos leigos, à vida consagrada, ao presbiterado, ao diaconado permanente¹⁷³.

O processo vocacional e formativo dos discípulos missionários

107. A animação vocacional acolhe ainda as indicações de Aparecida referentes às diversas dimensões do processo vocacional e formativo¹⁷⁴. Deve ser integral, querigmática e permanente, de acordo com o desenvolvimento das pessoas, contribuindo para que cada um possa encontrar a pessoa de Jesus, ser seu discípulo e missionário. Atenção particular merece a dimensão humana e comunitária, que leva a pessoa a assumir sua própria história, sendo capaz de viver em um mundo plural, com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade interior. Do mesmo modo a dimensão espiritual na medida de uma profunda experiência de Deus, que permite

¹⁷⁰ *Ibid.*, n. 94.

¹⁷¹ Cf. DAp, n. 278.

¹⁷² Cf. *Ibid.*, n. 218.

¹⁷³ 2º Congresso Vocacional do Brasil, n. 51-56.

¹⁷⁴ Cf. DAp, n. 279 e 280.

aderir a Jesus e seu Evangelho, na Igreja, de coração e com fé, por meio dos diversos carismas e ministérios. Já a formação intelectual permite potencializar o dinamismo da razão, abre a inteligência para a verdade, capacita para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura e assegura o conhecimento bíblico-teológico e das ciências humanas. Por fim a dimensão pastoral missionária tem a missão de formar discípulos missionários para o serviço ao mundo.

Planejamento, organização e estratégias para a animação vocacional

108. O serviço de animação vocacional, em seus vários níveis e instâncias, é chamado a responder ao Evangelho, aos apelos do Magistério Eclesiástico, à demanda do povo de Deus e particularmente aos jovens. O planejamento é fundamental e decisivo, o que garante certamente o aprofundamento na reflexão teológica e pastoral, o avanço nas metodologias, o enfrentamento das novas tecnologias para chegar às crianças, adolescentes, jovens, famílias. “É preciso evitar a fragmentação, o desperdício de forças e recursos”¹⁷⁵, o que exige metas em comum, concretizadas de acordo com os diversos dons e carismas. O modelo de planejamento para a animação vocacional¹⁷⁶, na perspectiva da diversidade das vocações, carismas e ministérios, é aquele que favorece a participação mais ampla possível, de modo estruturado e organizado. A metodologia do planejamento vocacional contempla o método ver, julgar e agir, afirmado por Aparecida.
109. Entre as estratégias do SAV está a sua presença e ação nos conselhos pastorais, seja no âmbito pastoral que administrativo¹⁷⁷. Esta permite a corresponsabilidade com os ministros ordenados, além de propiciar que os leigos se envolvam no planejamento, na execução e na avaliação de tudo o que a comunidade vive e faz. Ao mesmo tempo é importante a articulação das ações evangelizadoras, evitando o contra testemunho da divisão e a competição entre os grupos. Fundamental é o testemunho da unidade com uma pastoral de conjunto e orgânica e a articulação da diversidade de carismas e métodos evangelizadores¹⁷⁸. “O reconhecimento prático da unidade orgânica e da diversidade de funções assegurará maior vitalidade missionária”¹⁷⁹.

Maria, discípula missionária

110. A Virgem Maria é a imagem da conformação ao projeto trinitário realizado em Jesus Cristo. É a discípula mais perfeita do Senhor, sua seguidora mais radical, é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários¹⁸⁰. Maria nos recorda que “a beleza do ser humano está toda no vínculo do amor com a Trindade, e que a plenitude de nossa liberdade está na resposta positiva que lhe

¹⁷⁵ DGAE n. 164 c.

¹⁷⁶ 2º Congresso Vocacional do Brasil, Doc. Final, n. 39-43.

¹⁷⁷ DGAE n. 164 b.

¹⁷⁸ *Ibid.*, n. 164.

¹⁷⁹ DAp, n. 162.

¹⁸⁰ Cf. *Ibid.*, n. 266, 269, 270.

damos”¹⁸¹. Maria, a Mãe de Jesus, não é apenas modelo de vocacionada discípula missionária, mas também de animação vocacional evangelizadora. Ou seja, de um serviço de animação vocacional aberto ao Espírito Santo, na escuta da Palavra, na disponibilidade para servir ou mesmo nos momentos de sofrimento, quando vemos Maria ao pé da cruz.¹⁸² No cenáculo com a comunidade reunida, ela nos ensina a promover um serviço de animação vocacional em comunhão com toda a Igreja. Na animação vocacional pedimos que Maria “nos ensine a responder como fez ela no mistério da anunciação e encarnação”¹⁸³. Somos chamados a permanecer na escola de Maria, mantendo vivas as “atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho”¹⁸⁴. Com Maria aprendemos a sair de nós mesmos, no caminho do sacrifício, de amor e serviço: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações”!

ALGUMAS QUESTÕES PARA A REFLEXÃO NA TERCEIRA PARTE

1. *A terceira parte contempla o agir, que significa atuar “a partir da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Sacramento universal de salvação na propagação do Reino de Deus”. Não só, mas tem como consequência a “projeção do agir como discípulos missionários de Jesus Cristo”. Os pressupostos indispensáveis são “a adesão crente, alegre e confiante em Deus Pai, Filho e Espírito Santo e a inserção eclesial”¹⁸⁵. O que você (equipe, grupo, comunidade), tem a dizer sobre esta perspectiva metodológica e pastoral? No serviço de animação vocacional, em sua pedagogia, planejamento e organização, qual o horizonte e perspectiva fundamental e quais atitudes se deve ter? Explicitar e partilhar.*

2. *Na leitura e aprofundamento dos elementos teológicos e pastorais referente às vocações, em suas várias dimensões e implicações (trinitária, cristológica, pneumatológica, eclesiológica...) que outros aspectos necessitam ser contemplados? Pode-se elaborar um breve elenco e aprofundá-los. Reforçar o que se encontra e completar o que falta.*

3. *Em relação às indicações apresentadas para o serviço de animação vocacional na ação evangelizadora das comunidades, na perspectiva do discipulado e da missionariedade, quais aspectos você (equipe, grupo, comunidade...) considera mais importantes e significativos neste momento social e eclesial?*

4. *Como instrumento de trabalho para estudo e reflexão, tendo presente o tema do III Congresso, nem tudo pode ser incluído e considerado. A partir de sua experiência e prática no serviço de*

¹⁸¹ Cf. *Ibid.*, n. 141.

¹⁸² Jo 19,25-27.

¹⁸³ Cf. DAp, n. 553.

¹⁸⁴ Cf. *Ibid.*, n. 270, 272.

¹⁸⁵ Cf. *Ibid.*, n. 19.

animação vocacional (equipe, grupo, comunidade), que outros elementos existem que necessitam ser lembrados e que desafios precisam ser enfrentados?

BIBLIOGRAFIA

(Há necessidade de completar a bibliografia e adequá-la às normas metodológicas vigentes) ISSO É COM VOCÊS!

- 1 - Bíblia Sagrada - Tradução da CNBB, 7ª Edição.
- 2 - Documento de Aparecida - Edições CNBB, 2ª Edição, 2007.
- 3 - CNBB - Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010 Publicações da CNBB 4, Documento, 1ª Edição, 2008.
- 4 - Site do Vaticano - Proposições do Sínodo dos Bispos 2008 sobre a Palavra de Deus.
- 5 - CNBB - Evangelização da Juventude - Publicações da CNBB 3 - Documento , 1ª Edição 2007.
- 6 - 1º Congresso Vocacional do Brasil - Documento Final - 1999
- 7 - 2º Congresso Vocacional do Brasil - Documento Final - 2005

ANEXO

DATAS HISTÓRICAS¹⁸⁶

1897	O padre italiano, Aníbal Maria Di Francia, considerado “apóstolo da oração pelas vocações”, institui uma associação, chamada de “Aliança Sacerdotal”, com o objetivo de promover entre o clero a oração vocacional. Três anos depois, em 1900, institui a “União de Oração pelas Vocações”, envolvendo os cristãos leigos e leigas nesta preocupação com a questão vocacional. ¹⁸⁷
1935	Carta Encíclica <i>Ad Catholici sacerdotii</i> , sobre o sacerdócio católico, considerada o germe da moderna pastoral vocacional
1941	Instituição da Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais
1952	Fundação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)
1954	Fundação da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil)
1955	Fundação do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano)
1955	1ª Conferência Episcopal da América Latina, no Rio de Janeiro (RJ)
1962-1965	Concílio do Vaticano II
1964	Instituição do Dia Mundial de Oração pelas Vocações
1966	1º Congresso Vocacional, em Roma, Itália (seguiram-se mais três: 1967, 1969 e 1971)
1968	2ª Conferência Episcopal da América Latina, em Medellín, Colômbia
1971	Criação do Setor Vocações e Ministérios da CNBB
1971	Mês Vocacional na diocese de Santo Ângelo (RS)

¹⁸⁶ A partir do atual Instrumento de Trabalho, dos Textos-base dos dois congressos vocacionais anteriores (1999 e 2005) e do Texto-base do Ano Vocacional de 2003 (cf. CNBB-IPV, Texto-base do Congresso Vocacional do Brasil. In.: *1º Congresso Vocacional do Brasil; Memórias*. Brasília, 2000, p. 10-18; CNBB, *Batismo: fonte de todas as vocações; Texto-base do Ano Vocacional - 2003*. Brasília, 2002, n. 17-28; CNBB, *Igreja, povo de Deus a serviço da vida; Texto-base do 2º Congresso Vocacional do Brasil - 2005*. Brasília, 2004, n. 12-43).

¹⁸⁷ Aníbal Maria Di Francia (1851-1927) foi considerado pelo papa João Paulo II o “precursor e mestre da moderna pastoral vocacional”, por dedicar sua vida em prol da animação vocacional na Igreja e na sociedade. Foi canonizado em maio de 2004. O dia de sua memória litúrgica é 1º de junho. No Brasil, as duas associações foram unidas em uma única: “União de Oração pelas Vocações” (www.rogacionistas.org.br).

1972	1º Encontro Nacional da Pastoral Vocacional (ENPV), no Rio de Janeiro (RJ) ¹⁸⁸
1973	1º Congresso Internacional dos Bispos delegados das Conferências Episcopais, em Roma, Itália (considerado o 1º Congresso Internacional das Vocações)
1973	Ano Vocacional no Regional Sul 3 da CNBB (Paraná)
1979	3ª Conferência Episcopal da América Latina, em Puebla, México
1981	2º Congresso Internacional dos Bispos e de outros representantes das Vocações Eclesiásticas, em Roma, Itália (2º Congresso Internacional das Vocações)
1981	Início da celebração do mês vocacional (agosto) em âmbito nacional
1982	Primeiro número da revista Rogate, de animação vocacional
1983	1º Ano Vocacional do Brasil
1985	Primeiro número da revista Espírito, de animação vocacional
1989	Criação do Grupo de Assessoria Vocacional (GAV), organismo ligado ao setor vocacional da CNBB, até 2002
1992	4ª Conferência Episcopal da América Latina, em Santo Domingo, República Dominicana
1992	Lançado o Boletim Convocação (CNBB-Rogate), até 2006 ¹⁸⁹
1993	Fundação do Instituto de Pastoral Vocacional (15 de agosto)
1994	1º Congresso Continental de Vocações, na América Latina (Itaici, Indaiatuba, Brasil)
1997	2º Congresso Continental de Vocações, na Europa (Roma, Itália)
1999	1º Congresso Vocacional do Brasil (Itaici, Indaiatuba – SP)
2002	3º Congresso Continental de Vocações, na América do Norte (Montreal, Canadá)
2003	2º Ano Vocacional do Brasil (Itaici, Indaiatuba – SP)
2007	5ª Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe, em Aparecida (SP)
2010	3º Congresso Vocacional do Brasil (Itaici, Indaiatuba – SP)
2011	2º Congresso Continental de Vocações, na América Latina (San José, Costa Rica)

•

¹⁸⁸ Até junho de 2009, segundo registros consultados, foram realizados 18 ENPV. Os mais recentes ganharam nova nomenclatura, passando a ser designados de ENSAV (Encontro Nacional do Serviço de Animação Vocacional). Por outro lado, os encontros ampliados, envolvendo não somente os responsáveis pela animação vocacional, mas incluindo organismos afins, está em sua 14ª edição.

¹⁸⁹ O Boletim Convocação deixou de circular por razões de ordem econômica e prática. Com o advento da Internet muitas informações são repassadas de forma mais rápida e eficiente por este canal, não necessitando de um informativo impresso. As revistas vocacionais existentes (Rogate e Espírito) suprem este “instrumento impresso”.